

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Mariane Bierhals Schütz

**A FORMAÇÃO DE NORMALISTAS PARA O TRATO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS  
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo de caso na rede  
estadual do RS.**

Porto Alegre  
2011

Mariane Bierhals Schütz

**A FORMAÇÃO DE NORMALISTAS PARA O TRATO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS  
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo de caso na rede  
estadual do RS.**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Molina Neto

Co-Orientador: Prof. Ddo. Victor Julierme Santos da Conceição

Porto Alegre

2011

Mariane Bierhals Schütz

A FORMAÇÃO DE NORMALISTAS PARA O TRATO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS  
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo de caso na rede  
estadual do RS.

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Licenciatura em Educação Física

Conceito Final: \_\_\_\_\_

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de Julho de 2011

---

Avaliador – Prof. Dr. Alex Branco Fraga

---

Orientador – Prof. Dr. Vicente Molina Neto

## **Agradecimentos**

Aos meus amigos de casa... Aos meus amigos familiares... Aos meus amigos colegas... Aos meus amigos professores... Aos meus amigos de perto e de sempre...  
Aos meus amigos de longe e de pouco:

### **A gente não faz amigos, reconhece-os**

Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Não percebem o amor que lhes devoto e a absoluta necessidade que tenho deles.

A alguns deles não procuro, basta-me saber que eles existem. Esta mera condição me encoraja a seguir em frente pela vida. Mas, porque não os procuro com assiduidade, não posso lhes dizer o quanto gosto deles. Eles não iriam acreditar.

Muitos deles estão lendo esta crônica e não sabem que estão incluídos na sagrada relação de meus amigos. Mas é delicioso que eu saiba e sinta que os adoro, embora não declare e não os procure. E às vezes, quando os procuro, noto que eles não tem noção de como me são necessários, de como são indispensáveis ao meu equilíbrio vital, porque eles fazem parte do mundo que eu, tremulamente, construí, e se tornaram alicerces do meu encanto pela vida.

Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado. Se todos eles morrerem, eu desabo! Por isso é que, sem que eles saibam, eu rezo pela vida deles. E me envergonho, porque essa minha prece é, em síntese, dirigida ao meu bem estar. Ela é, talvez, fruto do meu egoísmo.

Por vezes, mergulho em pensamentos sobre alguns deles. Quando viajo e fico diante de lugares maravilhosos, cai-me alguma lágrima por não estarem junto de mim, compartilhando daquele prazer...

Se alguma coisa me consome e me envelhece é que a roda furiosa da vida não me permite ter sempre ao meu lado, morando comigo, andando comigo, falando comigo, vivendo comigo, todos os meus amigos, e, principalmente, os que só desconfiam – ou talvez nunca vão saber – que são meus amigos!

Vinicius de Moraes

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender de que forma o componente curricular Educação Física é contemplado no currículo do curso normal e discutir a formação de normalistas para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa descritiva do tipo estudo de caso e as informações foram coletadas através de entrevista individual semiestruturada com duas estudantes do curso normal e também através de análise do currículo de formação das colaboradoras. Foi possível observar que os conhecimentos obtidos pelas normalistas para ministrarem aulas de Educação Física são adquiridos em uma disciplina de sessenta e oito horas intitulada didática da recreação que é oferecida no terceiro e no quarto ano do curso. As falas das colaboradoras e os documentos curriculares da escola apontam para uma formação baseada na aprendizagem e vivência de jogos e brincadeiras com uma abordagem psicomotora. Os componentes da cultura corporal parecem não ser abordados no currículo de formação, diferentemente do proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como conteúdos a serem contemplados no ensino da Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras Chave: Formação de Professores Normalistas. Currículo Escolar. Educação Física nas Séries Iniciais. Cultura Corporal.

## RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo entender cómo el componente curricular Educación Física se incluye en el plan de estudios del curso de formación de profesores unidocentes y discutir la formación de estos profesores para actuar en los primeros grados de la escuela primaria. La investigación es cualitativa descriptiva con estudio de caso y la información fue recopilada a través de entrevistas semi-estructuradas individuales con dos alumnas del curso técnico, utilizando el análisis del currículo de formación para complementar la investigación. Se observó que el conocimiento obtenido para que los profesores dieran clases de Educación Física es adquirido a través de una disciplina denominada Didáctica de la Recreación que tiene sesenta y ocho horas y que se ofrece en el tercer y cuarto año de la carrera. Los discursos de las colaboradoras y los documentos curriculares de la escuela muestran una formación basada en el aprendizaje y en la vivencia de juegos con un enfoque psicomotor. Los componentes de la cultura corporal parecen no estar cubiertos en el plan de estudios, a diferencia de lo propuesto por los Parámetros del Currículo Nacional Brasileño como contenido que debe incluirse en la enseñanza de la Educación Física en los primeros grados de la escuela primaria.

Palabras Clave: Formación de Profesores Unidocentes a Nivel Técnico. Currículo Escolar. Educación Física en los Primeros Grados. Cultura Corporal.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
1.1 Objetivo	9
1.2 Justificativa	9
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>11</b>
2.1 Educação Física Escolar	11
2.2 A Educação Física na Legislação da Educação Brasileira	14
2.3 Formação de Professores	15
2.4 Formação em Curso Normal no Estado do Rio Grande do Sul	17
2.5 Currículo	20
<b>3 DECISÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>23</b>
3.1 Caracterização da pesquisa	23
3.2 Negociação de Entrada no Campo	24
3.3 Colaboradoras	25
3.4 Instrumentos de pesquisa	25
3.5 Procedimentos de coleta dos dados	26
3.6 Procedimento de análise das informações	26
<b>4. PROCESSO ANALÍTICO</b>	<b>28</b>
4.1 Educação Física é o mesmo que Recreação?	28
4.2 A apreciação por esporte e a influência nas aulas de Educação Física	32
4.3 “Largobol”	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE F – LISTA DE UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos escolares são especiais para a vida de qualquer pessoa. Quem não se lembra da primeira professora, do cheiro dos lápis novos, do lambuzo com os trabalhinhos de cola? O movimento também deve fazer parte das nossas lembranças nesta etapa! Danças, jogos, arremessos, correrias... Essas experiências e lembranças serão fundamentais para o sentimento de pertencimento e para a capacidade de usufruir da cultura corporal no futuro.

A presença da Educação Física no contexto escolar é uma prática legitimada por mais de duzentos anos. Nas primeiras séries do ensino fundamental, a Educação Física deve formar cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar manifestações que caracterizam a área: O esporte, a dança, a luta, o jogo e a ginástica (DARIDO E RANGEL, 2005).

O ensino e o acesso à Educação Física na escola estão amparados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/96). Para a lei, da educação infantil ao ensino médio, ela deve ser contemplada no planejamento escolar. A formação mínima que professores devem ter para dar aula nos primeiros anos do ensino fundamental é feita a nível médio, no curso normal (antigo magistério). O professor formado no curso normal tratará, além de outros componentes curriculares, da Educação Física e tem a responsabilidade de apresentar as crianças à Cultura Corporal.

Considerando que os normalistas darão aulas de Educação Física, espera-se que os conteúdos desta estejam integrados a sua formação de forma coerente e eficaz com a prática esperada no futuro. Contudo, não é difícil perceber as dificuldades que professoras normalistas tem em elaborar e ministrar aulas de Educação Física. Eu, como irmã e amiga de algumas professoras normalistas, não raro, sou abordada por elas para responder dúvidas a respeito do que fazer nas aulas, quais conteúdos devem ser desenvolvidos, quais atividades devem fazer parte do plano, quais os objetivos das aulas de Educação Física entre outros.

Dentro deste contexto, o trabalho traz o seguinte problema:

**Como os saberes docentes são mobilizados no currículo do curso normal de uma escola da rede estadual do RS, quanto ao trato do componente curricular Educação Física?**

**Ainda traz as seguintes questões de pesquisa:**

- A formação inicial de normalistas dá conta dos conhecimentos da cultura corporal?
- Como as normalistas se apropriam dos saberes curriculares e de experiências para tratar os conhecimentos referentes à cultura corporal?
- Qual é o significado de Educação Física nas séries iniciais para normalistas?

### **1.1 Objetivo**

Compreender de que forma o componente curricular Educação Física é contemplado no currículo do curso normal e discutir a formação de normalistas para o trato deste componente nas séries iniciais do ensino fundamental.

### **1.2 Justificativa**

Sendo o ensino da Educação Física tão importante nas séries iniciais, deve ser dada uma maior atenção às questões referentes a ela. A maneira como ela é tratada e ensinada às crianças deve ser muito bem planejada e discutida a partir da formação dos professores, pois, de acordo com Hernandes (2004), a qualidade da educação está muito vinculada à formação dos professores.

Para Molina e Molina Neto (2002), o atual modelo de formação de professores de Educação Física para a escola está superado. Molina Neto, Bossle e Wittizorecki (2010) afirmam que a formação de professores está assentada em marcos legais e interesses corporativos mais do que sobre a vida nas escolas. Para os autores, a participação de professores com experiência docente deve ser o eixo central para repensar a formação de professores de Educação Física.

Professores licenciados em Educação Física não são os únicos a tratarem deste componente na escola. Normalistas tem papel fundamental na inserção da criança à cultura corporal e cumprem um papel importantíssimo porque são, em geral, os primeiros a apresentar o mundo do movimento à criança. Portanto, proponho com este estudo que seja dada maior atenção à formação daqueles que também são responsáveis pela Educação Física escolar, os professores normalistas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Educação Física Escolar

Desde a década de 80 e até os dias de hoje, a Educação Física se encontra numa busca por identidade e conceituação. Para o Coletivo De Autores (1992), está se buscando a superação da concepção de Educação Física meramente prática. Essa nova visão busca a inclusão das dimensões cultural, social, política e afetiva, as quais estão presentes no corpo e no movimento deste.

Ao analisarmos a história mais recente do componente escolar Educação Física, percebemos que várias tendências permearam a sua prática, como por exemplo, a abordagem desenvolvimentista, tendo como principal foco a aquisição e a aprendizagem de habilidades e do desenvolvimento motor; abordagem construtivista, que dá ênfase à psicomotricidade, a abordagem crítico-superadora, que tem como foco a cultura corporal e a abordagem crítico-emancipatória, que defende a criticidade para a emancipação do sujeito (LAVOURA; BOTURA e DARIDO, 2006). É importante entender que estas diferentes concepções são conseqüências de um momento de tencionamentos em diferentes interesses, tanto a nível civil como militar, portanto com interesses sociais determinados politicamente.

Daolio (1995), ao entrevistar professores de Educação Física da rede pública estadual paulista percebeu uma grande dificuldade por parte destes profissionais em justificar a especificidade da Educação Física escolar. Os discursos oscilavam entre o treinamento esportivo, a promoção de saúde, a socialização, o desenvolvimento físico e mental, dentre outros. Para o autor, esta oscilação pode ser explicada pelo fato de a Educação Física ser uma prática social construída culturalmente e produzida tradicionalmente em diversos ambientes e espaços de práticas ligadas a Educação Física que tangenciam a dimensão pedagógica (ela acontece no clube, na academia, nos hospitais etc.) (NEIRA E NUNES, 2008).

Para Neira e Nunes (2008) promover mudanças na dinâmica sociocultural da Educação Física escolar é contrapor-se a conceitos, valores, crenças e tradições há muito tempo arraigados à prática desta disciplina. Uma transformação pedagógica

nesta área exige, portanto, uma mudança paradigmática. Os autores se posicionam sobre uma nova concepção da Educação Física:

Posicionamo-nos em favor de uma nova maneira de conceber a Educação Física no que tange à prática escolar. Este componente é o responsável pela transmissão e reconstrução das manifestações corporais a partir de sua historicidade, ou seja, o estudo e a compreensão das influências de diversos elementos filosóficos, políticos, religiosos, sociais e pedagógicos que se constituíram ao longo da sua história, para que possam ser superados, configurando uma perspectiva cultural sobre a linguagem corporal, isto é, a cultura corporal. (NEIRA E NUNES, 2008 p 209)

A expressão “Cultura Corporal”, apesar de bastante disseminada no meio acadêmico, é pouco compreendida no ambiente profissional da Educação Física. Além disso, muitos outros termos, tais como cultura física, cultura motora, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento são empregadas como sinônimo, quando, nem sempre, o são (NEIRA E NUNES, 2008). O termo escolhido para me referir a Educação Física no presente trabalho será “cultura corporal” de acordo com o Coletivo de Autores (1992) e Neira e Nunes (2008).

Para Darido e Rangel (2005) o objetivo principal da Educação Física escolar é introduzir e integrar os alunos na Cultura de Movimento, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, formando cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar manifestações que caracterizam essa área.

Dentre as produções da cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, e pedagógicas de diversas culturas humanas. Para uma destas produções e as possíveis abordagens a serem feitas nas aulas de Educação Física, Ruiz, na concepção de Molina Neto diz:

Por exemplo, o futebol, as suas relações de gênero, de classe social, a violência, etc. Será dado um tratamento mais pedagógico a este fenômeno que é cultural, histórico e também social. Isto não significa que o menino deixará de jogar futebol, significa que a menina também jogará e o farão de forma tal que ambos, possam ser sujeitos dessa prática. Então o fundamento continua sendo a cultura de movimento humano, mas de forma pedagogizada (RUIZ, 2004 p 3).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) abordam os conteúdos da Educação Física como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. O conceito de cultura é entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os:

A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe (BRASIL, 1998 p 23)

Para os PCN (1998) os conteúdos da Educação Física devem ser escolhidos de acordo com a relevância social, características dos alunos e características da própria área. Eles estão divididos nos documentos dos PCN, em três blocos de conteúdos: Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas; e em Conhecimentos sobre o corpo.

Ruiz, na visão de Molina Neto (2004) diz que o processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa, onde não só saiba expressar-se com seu corpo, mas também, promover o uso, conhecer seus limites e suas possibilidades.

Os PCN (1998) chamam a atenção pra um fundamento básico. Os objetivos da Educação Física escolar, ao contrário do que em uma época da Educação Física escolar já foi, são bem diferentes dos objetivos do esporte, da dança, da ginástica, e da luta profissionais, pois, embora seja uma referência, o profissionalismo não pode ser a meta almejada pela escola. A Educação Física escolar deve ser inclusiva dando oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos.

Assim, a área de Educação Física contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Trata-se, então, de localizar em cada uma dessas manifestações (jogo, esporte, dança, ginástica e luta) seus benefícios fisiológicos e psicológicos e suas possibilidades de

utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura, e formular a partir daí as propostas para a Educação Física.

## **2.2 A Educação Física na Legislação da Educação Brasileira**

A educação escolar brasileira está amparada sob a chamada Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB, lei nº 9.394 de 1996). Esta lei descreve toda a organização da educação escolar a subdividindo em educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e em educação superior.

A Educação Física é abordada pela LDB no artigo 26 onde diz que esta deve ser contemplada em todas as fases da educação básica: “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar [...]”. O Parecer CNE/CEB 16/2001 reforça que a Educação Física, no caso das séries iniciais do ensino fundamental, deve estar integrada a proposta pedagógica da escola, o que não necessariamente corresponde a uma disciplina específica. Assim como a educação ambiental e a higiene bucal são ensinados na escola sem corresponderem a uma disciplina, da mesma forma é tratada a Educação Física, segundo o respectivo parecer.

A abordagem de conteúdos de cada componente curricular do ensino fundamental e médio deve seguir uma orientação nacional comum, sendo contemplado por uma parte diversificada, exigido pelas características regionais. Para isto, no ano de 1998 foi lançado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criado pelo Conselho Nacional de Educação – CNE. Nele estão descritos os conteúdos e conhecimentos a serem tratados em cada ciclo, série ou ano escolar (BRASIL, 1998).

Para os PCN (1998) os conteúdos da Educação Física são expressão de produções culturais, conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. Estes conhecimentos e produções culturais se dividem entre esporte, dança, lutas, jogos e ginásticas. Além destas expressões da cultura corporal de movimento, conhecimentos sobre o corpo como anatomia, fisiologia e fisiologia do exercício também constituem-se saberes da Educação Física.

### 2.3 Formação de Professores

A formação de professores é um tema que merece muita atenção, tendo em vista que é um fator essencial da qualidade da educação (HERNÁNDES 2004). Para Alarcão (1998), a palavra formação está associada a pontos positivos: formar, formar-se, educar, talento, potencialidades, criatividade, originalidade. Havendo também associações opostas como receita, culinária, norma, submissão, passividade. E no meio, pairam elementos aparentemente neutros, cujo valor dependerá dos objetivos e das estratégias de contexto. São elas: dar forma, enformar, desenformar.

A aprendizagem para o trabalho docente (formação) passa por uma escolarização cuja função é fornecer aos futuros trabalhadores conhecimentos teóricos e técnicos preparatórios para o trabalho (TARDIF E RAYMOND, 2000).

A formação do professor consiste em se apropriar do conhecimento científico-pedagógico. Nele está composto a compreensão da organização do conteúdo disciplinar (estrutura, temas e conceitos) e como fazê-lo compreensível ao aluno. Para Alarcão (1998) é evidente que na base do conhecimento científico-pedagógico situa-se o *conhecimento do conteúdo disciplinar*, isso é, a compreensão profunda e o domínio da matéria a ensinar.

Para Marcelo, Mayor e Murillo (2009), “Educar é uma tarefa muito importante a que cada dia professores principiantes enfrentam com a sensação de não dispor de todos os recursos nem da formação que necessitariam”. Tardif e Raymond (2000) ainda complementam dizendo que, é quando entram na profissão, que muitos professores se dão conta que estavam mal preparados, principalmente para enfrentar condições de trabalho difíceis.

Tardif e Raymond (2000) dizem que a formação teórica raramente acontece sem que tenha que ser completada com a formação prática. Diz ainda que a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada do seu saber ensinar. Nela o trabalhador se familiariza com seu ambiente e assimila progressivamente os saberes necessários à realização de suas tarefas.

Os cursos de formação de professores devem se integrar na perspectiva de profissionalização do magistério com vistas à formação teórica e prática dos professores para o enfrentamento dos desafios do trabalho pedagógico no interior das escolas. (VENTORIM, 2001, p 93)

Para Tardif e Raymond (2000) no caso dos professores a formação tem ainda uma questão peculiar:

Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que foram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar. (p 216 e 217).

Para Hernández (2004), os indivíduos são diferentes na hora de perceber e processar informação. O professor realiza uma apropriação idiossincrática da formação e não segue em aula exatamente o que os formadores ensinam. Professores, assim como qualquer ser humano, tendem a adaptar o que recebem à situação em que se encontram. Se o conhecimento adquirido não se encaixa com sua prática, se cria conflito. Neste caso o professor rechaça, ou toma o conteúdo de maneira fragmentária e inadequada.

Ao projetarem-se planos de formação, deverá ser dada atenção às necessidades dos docentes, e que se utilizem estratégias de formação que se conectem com as diferentes modalidades de aprendizagem. O desenvolvimento profissional deve basear-se na interação e no intercâmbio de informação para desenvolver o conhecimento do professor, mediante a vinculação com outros colegas e formadores, não com o fim de produzir, mas de gerar uma reflexão não só crítica, mas prática, sobre o que fazem, para que esta sirva como melhora da própria atuação. Transforma-se, assim, a reflexão sobre a prática um conteúdo privilegiado da formação docente. Não se deve considerar o docente como alguém que aprende no vazio. Seus conhecimentos e experiências devem ser considerados na hora da elaboração do programa de formação (HERNÁNDES, 2004).

Hernández (2004) reflete: “Em que medida a formação docente comporta, com garantias, uma mudança nas práticas educativas?”. Ainda continua: Programas de formação e de inovação têm pouco ou nenhum impacto na prática da docência e que, em boa medida, esta situação se deve, não só às condições da formação, mas aos métodos de aprendizagem. O mesmo acontece, como assinala Hargreaves

(apud HERNÁNDES, 2004), aos benefícios da formação permanente que quase nunca se integram na prática da aula, já que os indivíduos que participam de cursos voltam às escolas como colegas pouco entusiasmados e pouco compreensivos que não compartilham com eles a aprendizagem que tiveram. O fato de um professor reconhecer as próprias concepções não implica substituí-las por outras novas somente pelo fato de entrar em contato com elas.

Prawat, citado por Hernández (2000), nos diz que a disposição para aprender, acompanhado de conhecimentos de base e estratégias para seguir aprendendo, é fundamental para construir novos conhecimentos. “Esta adormece pouco a pouco, até terminar em uma letargia irrecuperável”. Nós, que nos dedicamos a ensinar a outros, lembremos que: “preparar para o futuro significa preparar para seguir aprendendo toda a vida”.

Sobre a formação de professores para o ensino de Educação Física, concluo com as palavras de Molina Neto, Bossle e Wittizorecki:

Pensar de modo articulado Formação de Professores, Educação Física Escolar, Identidade Docente e Contexto Social significa compreender uma totalidade complexa, pois, ao mesmo tempo em que cada um deles é um todo, também é uma totalidade que inclui em si todas as demais partes. Porquanto, não podemos pensar processos de formação docente eficazes, sem considerar os contextos sociais em que os docentes precisam produzir as respostas pedagógicas. (MOLINA NETO, BOSSLE E WITTIZORECKI, 2010 p 132)

## **2.4 Formação em Curso Normal no Estado do Rio Grande do Sul**

A formação mínima admitida para o exercício do magistério nas séries iniciais do ensino fundamental é oferecida em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996). Nesta etapa da educação básica, a prática multidisciplinar além de estar fundamentada na legislação, faz parte da longa tradição de unidocência que se acumula por várias gerações. A Matemática não é ensinada por matemático, a Língua Portuguesa não é ensinada por diplomado em Letras, e assim o é com tantos quantos forem os conteúdos curriculares, incluindo a Educação Física (Brasil, 2001).

Apesar do descrito no parágrafo anterior, em algumas escolas particulares - e até em algumas escolas públicas, como é o caso das municipais de Porto Alegre -

há a presença de professores de Educação Física para o trato deste conhecimento nas primeiras séries do ensino fundamental. Já nas escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, são as professoras unidocentes que devem ministrar aulas de Educação Física conforme a legislação.

No Parecer CNE/CEB 16/2001, encontra-se a seguinte recomendação quanto à formação de docentes para lecionarem nas séries iniciais os conhecimentos relativos a esta etapa, com destaque à Educação Física: “*Espera-se* que os cursos de formação inicial e continuada de professores incluam, dentre seus temas de estudo e de prática de ensino, os diversos componentes curriculares, inclusive Educação Física” [grifo meu]. O destaque a palavra “*espera-se*” se dá por ficar claro que não é uma exigência ter a Educação Física como tema de estudo e de prática na formação daqueles que no futuro tratarão deste conhecimento.

Este pensamento vai ao encontro do que diz Perrenoud (2002). Segundo o autor não é possível fazer de tudo na formação inicial. Não se deve abranger um pouco de tudo, mas realizar escolhas, renunciar com ponderação. Molina Neto, Bossle e Wittizorecki (2010) apóiam a formação com ênfase na reflexão, ao encontro do autor citado. Os processos formativos devem qualificar os coletivos docentes a produzir conhecimento e a autonomia de pensamento e a capacidade de análise.

Na Resolução nº 252/2000 do estado do Rio Grande do Sul, lei que orienta a formação de normalistas, na proposta pedagógica dos cursos normais consta que deverá se garantir o domínio dos conteúdos curriculares descritos pela LDB, necessários à constituição de competências. A mesma lei ainda configura a prática e o estágio como parte fundamental da formação. Assim, o estágio profissional, parte integrante da prática pedagógica obrigatória, somente será realizado após a *satisfatória* conclusão de todos os componentes curriculares previstos no Plano de Estudos do curso.

Ainda sobre o estágio no curso normal, é proposto que as práticas aconteçam desde o primeiro ano de formação das estudantes, sendo introduzidas no currículo do curso em todos os componentes curriculares. A finalidade é colocar o aluno frente à realidade educacional das escolas concomitantemente com o aprofundamento teórico dos conteúdos (Rio Grande do Sul, 2000).

No Artigo 5º da Resolução estadual nº 252/2000 está a declaração dos princípios educacionais baseados nos pilares da educação propostos pela ONU:

O projeto pedagógico da escola que oferecer o Curso Normal, resultado de um esforço de elaboração coletivo, assegurará a constituição de valores (saber ser), conhecimentos (saber conhecer) e habilidades e competências (saber fazer), necessárias ao exercício de práticas docentes qualificadas (p 2).

A legislação estadual referente à formação de normalistas direciona o currículo para uma contemplação geral dos componentes curriculares, enquanto a legislação nacional não especifica de forma clara. Parece que esta legislação outorga certa autonomia aos estados para uma legislação mais específica ao público regional (Rio Grande do Sul, 2000).

A formação do curso normal tem característica comum a alguns outros cursos técnicos: Início do preparo profissional sem a conclusão da formação na educação básica. Enquanto a maioria dos estudantes inicia sua formação profissional ao concluir o ensino médio, professores normalistas já são considerados aptos para a profissão docente.

Mello (2000) tem uma opinião bastante crítica ao que se refere à formação oferecida no curso normal:

Não é justificável que um jovem recém-saído do ensino fundamental possa preparar-se para ser professor de primeira a quarta série em um curso que não aprofunda nem amplia os conhecimentos previstos para serem transmitidos no início do ensino fundamental. É indispensável que os professores em preparação para lecionar nos anos iniciais do ensino fundamental dominem os objetos de ensino. (p 99)

Além de terem que dar conta do ensino de todos os componentes curriculares, estes jovens professores unidocentes são imersos, muitas vezes, em uma realidade escolar bastante complicada. Escolas de periferia, alunos com problemas familiares, indisciplina, turmas super lotadas, dentre outros. Encarar a realidade problemática de algumas escolas brasileiras e ser efetivo no ensino de todos os componentes curriculares exige, além de esforço pessoal grande, uma formação de qualidade.

De acordo com Hernandez (2004), a qualidade da educação está bastante vinculada à formação inicial. A característica unidocente das séries iniciais, que obriga o professor a ter domínio de todos os componentes curriculares, e a realidade

das escolas brasileiras traz sobre o curso normal bastante responsabilidade e exige uma oferta de formação baseada também na realidade escolar.

## 2.5 Currículo

Originária do latim *curriculum*, currículo significa corrida, percurso, circuito atlético (NEIRA E NUNES, 2008). Para iniciar a discussão sobre o currículo, opto por fazer um recorte histórico. Compreender o que é currículo, como surgiu, para que serve e como é feito me parece uma boa maneira para pensá-lo e discuti-lo para os dias de hoje.

Na época denominada Mercantilismo (Séc. XV ao XVIII), ocorria a transição do regime feudal para a sociedade capitalista. Neste momento aconteciam transformações em todas as dimensões da realidade social: jurídica, política, econômica, social e ideológica. O sistema educativo passou do ensino individual para o coletivo configurando, dessa maneira, a criação da escola (para a formação do homem necessário para uma nova sociedade). Assim, na Universidade de Leiden, em 1582, os registros constam que "*tendo completado o curriculum de seus estudos*" o certificado era concedido ao aluno. Nestas circunstâncias então é que surgem os primeiros registros históricos de quando e como aparece a palavra *curriculum* aplicada aos meios educacionais. Nesta nova conjuntura educacional, as diversas turmas de uma escola deveriam passar pelo mesmo caminho ou percurso com todas as provas e obstáculos, semelhante à idéia de um circuito atlético (da Silva, 2008).

Estabeleceu-se então a passagem do termo *curriculum* do contexto do mundo do exercício físico para o pedagógico. Tal como o atleta, que conseguiu passar por todos os caminhos e obteve o prêmio, os alunos que conseguissem passar por todo "circuito" recebiam o diploma, pelo qual a escola se responsabilizaria, *atestando formar homens necessários às exigências da sociedade da época*.

Uma instituição universitária só poderia atribuir a alguém o título após o cumprimento de todas as exigências de um percurso ou trajetória acadêmica. Onde se supõe que o diploma, grau ou título era somente concedido, após o alcance dos

objetivos da instituição, de acordo com os parâmetros de avaliação sobre a eficiência da escolarização e sua eficácia social.

Passando para a atualidade, Coll (2003) afirma que o currículo cumpre a função de declarar os princípios gerais da escola e a função de explicar a forma de operacionalização destes. É o elo entre a teoria educacional e a prática pedagógica, entre o que é prescrito e o que realmente acontece nas salas de aula.

O mesmo autor afirma que o currículo é composto por quatro elementos. Estes quatro elementos que o compõem para cumprir com êxito suas funções são os que proporcionam informações sobre *o que ensinar, quando ensinar, como ensinar* e elementos que informam *que, como e quando avaliar*.

Referindo-se ao primeiro componente, que ensinar, o autor ainda diz que este inclui dois temas: Conteúdos (a experiência social culturalmente aceita: conceitos, sistemas explicativos, habilidades, normas valores etc.) e objetivos (os processos de crescimento pessoal que se deseja provocar, favorecer ou facilitar mediante o ensino).

Para Neira e Nunes (2008) a parte que trata dos conteúdos é a mais importante do currículo. A questão central de toda teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser selecionado para ensinar. Diferentes teorias recorrem a discussões sobre a natureza humana, natureza da aprendizagem ou sobre a natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade. O que ainda interferirá na construção do currículo, será a ênfase que se dará a esses elementos. “Ao final, entretanto, elas têm de voltar à questão básica: O que eles ou elas devem saber?, ou seja, Qual conhecimento é considerado importante ou válido para merecer ser considerado parte do currículo?” (NEIRA E NUNES, 2008, p. 105)

As teorias do currículo procuram justificar a escolha de determinados conhecimentos e saberes em detrimento de outros, considerados menos importantes. Para Apple, (apud DA SILVA, 2008), o currículo representa, de forma hegemônica, as estruturas econômicas e sociais mais amplas. Assim, o currículo não é neutro, desinteressado. O conhecimento por ele corporificado é um conhecimento particular. Importa saber qual conhecimento é considerado verdadeiro. A reprodução social não se dá de forma tranqüila, há sempre um

processo de contestação, conflito, resistência. Para Bernstein (Apud DA SILVA, 2008), a classificação determina o que é legítimo ou ilegítimo incluir no currículo.

As teorias do currículo, por vezes, não são aquelas que norteiam a construção deste. A vaidade daqueles que o constroem acaba interferindo de forma tão intensa que o currículo acaba por não conseguir dar conta da formação apropriada de profissionais, em especial de professores. Bernstein (Apud DA SILVA, 2008), afirma que a seleção de disciplinas e conteúdos é uma questão de poder. Para Perrenoud (2002), no currículo “cada um puxa a brasa para o seu assado”.

Para Morgado (2000), o currículo é fundamental para o aumento da qualidade do ensino, das práticas dos docentes e da renovação da educação, uma vez que se relaciona com a docência e com componentes e determinações pedagógicas, administrativas, políticas e de inovação. O currículo pode ser entendido com um processo negociado, partilhado e contestado, como uma prática que procura estabelecer a conexão entre a intenção e a realidade.

### **3 DECISÕES METODOLÓGICAS**

Nesta seção do trabalho, destaco a caracterização e os caminhos percorridos para a realização de cada etapa da pesquisa.

#### **3.1 Caracterização da pesquisa**

Esta é uma pesquisa descritiva do tipo estudo de caso, com abordagem qualitativa que tem como foco a descrição de características de determinada população ou fenômeno. (GIL, 1999; NEGRINE, 2004)

Triviños (1987) ressalta que os estudos descritivos pretendem descrever com profundidade e rigorosidade os fatos e fenômenos de determinada realidade e que a pesquisa qualitativa é necessariamente descritiva. “A interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto” (p 128).

Molina (1999) define estudo de caso qualitativo como um exame particular de uma situação, programa, acontecimento ou fenômeno específico que proporciona uma valiosa descrição. Ainda acrescenta que é uma opção metodológica especialmente pertinente quando se trata de tentar responder problemas ou perguntas que se formatam em “comos” e/ou “por quês” e que se interessam por acontecimentos contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas.

Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, no nível da realidade social que não é clara e que precisa ser exposta e interpretada pelos pesquisadores. Para Molina Neto (2004), uma pesquisa qualitativa oferece mais agilidade e liberdade para reflexão, com técnicas de investigação que descrevem e interpretam as representações e os significados que um grupo social dá à suas práticas do dia a dia. Assim, este estudo não tem por objetivo generalizar o caso estudado, e sim de compreender uma realidade específica.

### 3.2 Negociação de Entrada no Campo

A proposta inicial era de realizar o estudo em uma escola pública do estado do Rio Grande do Sul que oferecesse o curso Normal de formação, preferencialmente situada na cidade de Porto Alegre. Foi feito contato com duas possíveis escolas colaboradoras desta cidade, mas ambas foram descartadas. Ao me aproximar de uma das escolas, sugerida pelo Professor Vicente Molina Neto, fui informada que o curso normal estava terminando em virtude da baixa procura de estudantes. Aquele seria o último ano de oferta do curso. Ao tentar contato com outra escola, me deparei com muita dificuldade de acesso à professora coordenadora do curso normal. Quando consegui o encontro, tive a impressão de que o fornecimento de informações não seria facilitado e que havia um pouco de descaso com o estudo. Percebi então que a realização do estudo naquela escola seria inviável.

Aconteceu então o direcionamento a uma instituição situada na cidade de Cachoeirinha – RS. A aproximação com esta instituição se deu pelo fato de minha irmã e algumas amigas terem feito sua formação nesta escola. O primeiro contato foi feito por telefone com a coordenadora do curso normal no qual marcamos um primeiro encontro onde foi feita a explicação do estudo ao qual a coordenadora prontamente aceitou o convite de colaborar.

No segundo encontro, foi entregue uma carta de apresentação formal da pesquisa contendo os objetivos do estudo e onde estavam descritos os documentos que a escola deveria ceder para sua realização, juntamente com a carta de anuência que foi assinada. Neste mesmo momento, foram disponibilizados, de forma digitalizada, os documentos solicitados.

Para facilitar a escolha das colaboradoras, foi realizada uma pequena reunião com possíveis participantes, sugeridas pela coordenadora, para breve explicação da pesquisa e dos critérios de seleção das colaboradoras e para saber do interesse das estudantes em participar da pesquisa. A reunião contou com a participação de sete estudantes do curso normal, neste momento podemos discutir um pouco a temática e as características necessárias para participar como colaboradoras do estudo. Foi

anotado o telefone e o e-mail de duas estudantes que se adequaram aos critérios de seleção.

### **3.3 Colaboradoras**

Para a seleção das estudantes que colaboraram com o estudo, foi estabelecidos alguns critérios para certificar-me da capacidade de corresponder com os objetivos da pesquisa. Os critérios definidos foram os seguintes:

- a) Estudantes que já tivessem concluído os quatro anos de formação teórica, e estivessem realizando o estágio de docência dando aulas de Educação Física.
- b) Estudantes que tivessem interesse e disponibilidade de horário;
- c) Estudantes comprometidas com sua formação, capazes de fornecer informações sobre o componente curricular Educação Física em sua formação.

Dois estudantes foram selecionadas por se encaixarem nos critérios definidos. Ambas ingressaram no curso normal no ano de 2007 e percorreram o currículo de formação analisado. A média de idade das estudantes é de 19 anos.

### **3.4 Instrumentos de pesquisa**

Como instrumentos de coleta de informações foram realizados uma entrevista semi-estruturada e também análise das diretrizes e do currículo do curso normal percorrido pelas estudantes entrevistadas.

Quando se realiza entrevista semi-estruturada, por um lado se procura garantir um determinado rol de informações básicas ao estudo e, por outro lado, tem-se a liberdade para apontar aspectos que também possam ser relevantes. Para Negrine (2004) a entrevista semi-estruturada é pensada para a obtenção de informações, permitindo explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado e visando garantir determinadas informações importantes para o estudo.

A análise dos documentos, currículo e diretrizes do curso, será um instrumento complementar à entrevista. As informações documentadas nos dados da escola servirão para mostrar a realidade em estudo (FLICK, 2009).

### **3.5 Procedimentos de coleta dos dados**

As entrevistas foram realizadas na sala de informática da escola de formação das estudantes colaboradoras e foram realizadas de forma individual e gravadas com prévio esclarecimento e autorização das entrevistadas através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente foram transcritas e devolvidas às colaboradoras para que pudessem fazer a leitura do que disseram com a permissão de fazerem alterações no texto. Esta é uma forma de validar o material, uma vez que o próprio sujeito entrevistado dá autenticidade ao documento.

Günther (2006) diz que o retorno das transcrições das entrevistas representa um nível muito importante no processo de validação pelo aspecto ético que o envolve, configurando-se uma etapa indispensável no processo de validade interpretativa porque assim os colaboradores podem apreciar esse material e autorizar o seu uso ou solicitar alterações se desejarem. Para a autora, esse momento é interessante porque essa leitura possibilita aos colaboradores uma reflexão que vai desde a forma como expressam suas idéias ao conteúdo de suas falas e de que modo se posicionam em relação a determinados temas.

### **3.6 Procedimento de análise das informações**

A análise das informações cedidas pelas entrevistas foi realizada a partir da retirada de indicadores das respostas dos informantes relativos aos objetivos do estudo. Estes dados foram estudados, buscando, através das falas dos sujeitos, identificar os objetivos traçados pelos questionamentos da investigação.

A estratégia para analisar as informações do documento selecionado foi estabelecer questionamentos a estes materiais, explorando-os em profundidade. Saber onde, quando e porque o material foi produzido, que princípios, idéias e

conceitos defende. Todos estes dados foram interpretados em diálogo com os objetivos do estudo (SILVA, 2007).

Utilizei a triangulação de informações para analisar os materiais produzidos durante o trabalho de campo com o objetivo de converter os resultados obtidos. A utilização desta técnica teve como objetivo obter a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do tema em estudo e assim reforçar a validade e fidedignidade da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

## 4. PROCESSO ANALÍTICO

Uma categoria de análise é um conjunto de significados ou um conceito mais amplo e reúne as unidades de significados que se relacionam entre si dentro de um conceito mais geral (MOLINA NETO, 2004). As categorias apresentadas a seguir se destacaram na construção do estudo pelas falas das colaboradoras e pela relação com o problema e com o objetivo propostos pelo estudo.

Nesse sentido, emergiu a partir dos dados empíricos, as seguintes categorias de análise: “Educação Física é o mesmo que Recreação?”, “A apreciação por esporte e a influência nas aulas de Educação Física” e “Largobol<sup>1</sup>”.

### 4.1 Educação Física é o mesmo que Recreação?

Dentro do currículo do curso normal, a disciplina didática que mais se aproxima ao componente curricular Educação Física é intitulada Didática da Recreação com carga horária de 68 horas. Essa disciplina é oferecida no terceiro e no quarto ano do curso e segundo relato das colaboradoras, se constitui pela aprendizagem teórica de brincadeiras seguida pela parte prática em que as alunas as vivenciam.

*“Primeiro ela [professora] explicava em sala de aula, depois a gente saía pro pátio, quando o tempo tava bom, e a gente fazia a brincadeira. Quando não era brincadeira no pátio, era brincadeira dentro da sala de aula [...] que ela dava em dia de chuva. [...] Era o nosso momento, vamos dizer assim de... de liberação, né. [...] como a gente tinha muita matéria mais escrita, e como essa era mais... mais prática, a gente gostava bastante”. (Entrevista estudante Bárbara, 16/05/2011)*

Apesar de a metodologia utilizada nos dois anos de didática da recreação parecer ser a mesma: Copiar a brincadeira, ir para o pátio fazer a vivência e construir um portfólio com todas as brincadeiras realizadas, a disciplina apresenta no currículo uma subdivisão: Na terceira série do curso, ela é voltada para a

---

1 Termo usado para definir as aulas de Educação Física que, ao invés de serem ministradas pelos professores, resumem-se a atividades livres no pátio.

educação infantil e na quarta série é que ela está voltada para as séries iniciais do ensino fundamental. No quarto ano a disciplina apresenta este objetivo:

Oportunizar ao futuro professor um embasamento teórico e prático aplicado ao desenvolvimento da criança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, enriquecendo a sua experiência, promovendo a interação social, o equilíbrio e as maneiras de ajudar a criança no seu desenvolvimento integral. (Plano de estudo da disciplina Didática da Recreação)

Os conteúdos da disciplina, descritos no currículo, são:

- Objetivos Gerais da Educação Física;
- Critérios de Avaliação;
- Portadores de Deficiências Físicas;
- Recreação e Lazer;
- O uso de material alternativo;
- Música e Cantigas de Roda;
- Jogos Pré-Desportivos;
- Classificação dos jogos;
- Jogos Cooperativos;
- Atividades Recreativas;
- O Jogo e a Educação Infantil.

Neira e Nunes (2008) consideram a parte do currículo que trata dos conteúdos a mais importante. Para os autores, a questão central de toda teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser selecionado para ensinar. “Ao final, entretanto, têm que voltar à questão básica: “O que eles ou elas devem saber?”, ou seja, “Qual conhecimento é considerado importante ou válido para merecer ser considerado parte do currículo?”

Para o PCN (1998) os conteúdos de Educação Física propostos para o ensino na etapa referida pelo documento escolar, estão divididos em três blocos de conteúdos: Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas; e Conhecimentos sobre o corpo. Como se pode observar, os conteúdos dispostos no currículo da escola não estão de acordo com o conhecimento produzido pela Educação Física propostos pelos PCN.

As colaboradoras relataram que o estudo mais aprofundado a livros de metodologia e documentos oficiais de Educação Física não era estimulado nesta disciplina.

*“Apenas uma vez a professora orientou o estudo de umas três páginas do PCN de Educação Física do ensino fundamental”. (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

A estudante ainda lembra que, para um trabalho pedagógico da disciplina de didática geral, as estudantes tiveram que estudar os objetivos de todas as disciplinas escolares, inclusive Educação Física. São estes dois momentos em que ambas lembraram-se de acessar os PCN.

Segundo as colaboradoras, a biblioteca da escola não parece obter muita bibliografia que trate do assunto Educação Física escolar das séries iniciais do ensino fundamental. Há bibliografia de jogos e atividades dirigidas, mas se mostraram desconhecedoras de livros específicos de metodologia do ensino da Educação Física para crianças.

As colaboradoras divergem quanto a se sentir preparadas para dar aula de Educação Física. Amanda, por ter uma concepção de Educação Física diferente da proposta pelo curso, conclui que não se sente preparada porque, segundo a estudante *“professoras normalistas não tem formação para dar Educação Física”*:

*“Eu acho que preparado, preparado ninguém tá, porque, Educação Física em si não se diz Educação Física. É recreação! Ah, tu vai lá, brinca de rodinha, canta uma musiquinha, e aí é recreação. [...] Pra mim tá sendo bastante difícil dar este lado de recreação. E era o lado que eu não trabalhava. E o lado esportivo sim”. (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

Bárbara por sua vez se sente preparada. A disciplina de didática da recreação juntamente com uma autonomia pela busca de conhecimentos em meios como a internet lhe parece dar um bom suporte:

*“Eu me sinto. Eu acho que tem bastante material de pesquisa. A internet é um meio e também ano passado eu tive didática da recreação que a professora também deu bastante material pra gente trabalhar com as crianças que eu to usando bastante. Eles estão adorando!” (Entrevista estudante Bárbara, 16/05/2011)*

Quando a concepção de Educação Física se limita à recreação, então o curso parece dar suporte preparando as futuras professoras ao trato do componente curricular Educação Física, pois, de fato, a disciplina tem como ênfase a aprendizagem e a vivência de brincadeiras. Contudo, se a concepção vai além da vivência de jogos e brincadeiras, ideia que vai ao encontro do pensamento da

estudante Amanda e dos PCN, aí realmente constataremos uma falta de preparo e formação em Educação Física.

Pelas falas das entrevistadas, pode-se perceber que a concepção de Educação Física é de uma prática voltada ao desenvolvimento afetivo e social das crianças e ainda de grande valor para trabalhar outros componentes curriculares. Concepção esta que vai ao encontro do movimento da psicomotricidade que se afirmou e legitimou as aulas de Educação Física no contexto escolar a partir da década de 70 e focava no desenvolvimento do afetivo, da socialização e no uso da Educação Física como um meio para se ensinar matemática, história e qualquer outro componente considerado “maior” (SOARES, 1996).

*“Eu acho que este é um momento muito importante não só no aspecto esportivo, mas cognitivo, afetivo da criança [...] A Educação Física é o momento deles se soltarem, né? [...] Momento assim de compartilhar, de se socializar também. Tem aquelas crianças que são tímidas que se socializam e se soltam mais até” (Entrevista estudante Bárbara, 16/05/2011)*

*“[...]Através da Educação Física pode se fazer um jogo trabalhando matemática, um jogo de português, pode se fazer um jogo competitivo trabalhando geografia.” (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

Não me posiciono contrária ao uso de recreação nas aulas de Educação Física. Pelo contrário, o uso da recreação, do jogo e da fantasia pode ser um recurso de motivação e incentivo para a apreciação e compreensão das atitudes e conceitos desenvolvidos pelas crianças aos conhecimentos da Educação Física. Posiciono-me contrária a recreação com um fim na psicomotricidade, usada para que a criança se socialize, se expresse e desenvolva suas habilidades afetivas. Apesar de estas habilidades serem intrínsecas à brincadeira, ao jogo e a recreação, não são os conteúdos da Educação Física. São habilidades que devem ser desenvolvidas na Educação Física, mas também em qualquer outro componente curricular. O uso da brincadeira na Educação Física deve ser uma das estratégias utilizadas pelo professor com o objetivo principal de levar a criança a conhecer seus limites corporais, desenvolver suas habilidades motoras, vivenciar e refletir sobre seu patrimônio corporal acumulado e disponível no universo da cultura corporal.

## 4.2 A apreciação por esporte e a influência nas aulas de Educação Física

Por influências familiares, as duas colaboradoras são apreciadoras do esporte, sendo uma delas, Amanda, atleta escolar durante muitos anos. Segundo as colaboradoras, esta aproximação com o esporte influencia nas aulas de Educação Física. No caso da estudante Bárbara, o fato de ela gostar de Esporte facilitou para que ela se visse como responsável pela Educação Física:

*“[...]Facilitou porque eu sempre gostei dessa área da Educação Física mesmo. De tá, ou participando, não ativamente, mas também, jogando, e também cuidando, auxiliando sempre que... sempre envolvida no caso com o esporte”. (Entrevista estudante Bárbara, 16/05/2011)*

Quando perguntada sobre a maneira como se apropriou dos conhecimentos de Educação Física Amanda diz:

*“Foi mais por experiências pessoais. Porque eu sempre representei a escola desde os meus oito anos até os meus dezessete nos jogos escolares, jogos estaduais, fora também... e um pouquinho, uns vinte por cento eu diria que eu aprendi com palestra de formação pela Secretaria Municipal de Educação”. (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

Este relato das duas estudantes nos remete a perguntar como se dá a apropriação de conhecimentos para ministrar aulas por parte de professoras normalistas que não gostam de esportes e/ou não tiveram aproximação com qualquer outra manifestação da cultura corporal. Se estas experiências auxiliam as professoras durante as aulas de Educação Física, a ausência delas pode interferir de maneira negativa.

Tardif e Raymond (2000), dizem que, no caso dos professores, a formação para o trabalho tem uma questão peculiar. Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre o papel do professor e sobre como ensinar, provém de seu próprio histórico escolar. Os professores com que tiveram aula, desde as séries iniciais, são seus exemplos. Então, quando perguntadas sobre as suas lembranças como alunas das aulas de Educação Física no ensino fundamental, ambas relataram que a professora não dava aula:

*“[...] Ela [professora] não chegava a dar. Ela liberava a bola como, infelizmente os professores fazem hoje em dia, né? Largam a bola pro aluno e eles saem jogando” (Entrevista estudante Bárbara, 16/05/2011)*

*“Não gostava porque era o “largobol”. Então na Educação Física [...] A gente só ia pro pátio, ela largava a bola e a gente jogava”. (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

Nesse caso, para professores que, enquanto estudantes, não tiveram aulas de Educação Física nas séries iniciais, passaram pelos anos finais do ensino fundamental sem interesse e/ou aproximação com a cultura corporal, receberam uma formação baseada na aprendizagem de jogos e brincadeiras sem a apropriação dos conteúdos da Educação Física, a reprodução do que foi vivido nas séries iniciais parece ser evidente.

#### **4.3 “Largobol”**

Segundo relato das duas estudantes entrevistadas, a produção da Educação Física não está sendo acessível às crianças nas séries iniciais. Ou seja: O professor unidocente não dá aula de Educação Física. Quando indagadas sobre a atuação das unidocentes, no que refere às aulas de Educação Física, as colaboradoras relatam sobre o universo das escolas onde estagiam:

*“Não querendo criticar assim, mas, elas [as unidocentes] liberam a bola. Eu não costumo acompanhar elas, né, mas as vezes que eu vi elas, normalmente é assim que elas fazem.” (Entrevista estudante Bárbara, 16/05/2011)*

*“Raramente tu encontra uma professora de magistério que tem alguma relação com esporte. Porque [...] o que eu vejo é o “largobol”. Dificilmente tu chega numa escola e tu vê uma professora normalista que tá dando Educação Física ou tá dando recreação.” (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

Amanda ainda faz um relato de que algumas estudantes que estão realizando o estágio curricular obrigatório dão aulas de Educação Física apenas para não comprometer a nota final no curso:

*“Eu dou né. As meninas que estão pra se formar também dão... se não gostam, também tão sendo obrigadas a dar. Se não vão acabar perdendo pontos.” (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

Sobre o tema, Fraga (2005), também sugere que as professoras unidocentes deixam de ministrar as aulas de Educação Física justamente por uma disputa corporativa com os professores licenciados em Educação Física. Elas passam a entender a Educação Física como tarefa alheia ao seu universo de ações pedagógicas.

Quanto à busca por conhecimentos de Educação Física em cursos de formação continuada, a estudante diz que não é de interesse das professoras:

*"[...] Na própria escola de dois em dois meses a prefeitura dá cursos [...] de formação em tudo que é área. É sobre dengue, é sobre recreação, sobre DSTs<sup>2</sup>, tudo e raramente tu... Tu pode ver dez indo no da dengue, pode ver quatro indo em DSTs, mas tu não vê ninguém indo na recreação. E pra escola não perder pontos, alguma coisa assim, ela manda uma, essa uma vai lá, marca presença e fica uma hora, uma hora e pouquinho e depois vai embora". (Entrevista estudante Amanda, 25/05/2011)*

A Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental sofre com a desvalorização dos seus conhecimentos. O curso de formação não contempla os componentes da cultura corporal de maneira a não proporcionar aos futuros professores o domínio de conteúdo. Estes professores acabam sem recursos para interferirem na realidade da Educação Física escolar e os conhecimentos produzidos por esta área de conhecimento acabam não sendo efetivamente acessíveis aos alunos das séries iniciais.

É observado desinteresse também por parte das professoras unidocentes, afinal, não dão aula. Contudo, não devemos culpá-las sem lembrar que elas não são estimuladas para fazer diferente. Recebem uma formação deficiente e são deparadas com a atraente prática do "largobol" nas escolas. É necessária muita força de vontade e estímulo próprio para contornar esta realidade e fazer da Educação Física uma experiência de ensino-aprendizagem realmente significativa para os alunos.

Portanto, devemos questionar, desnaturalizar e desestabilizar a atual realidade da Educação Física das séries iniciais. Não podemos ser conhecedores do que acontece - ou deixa de acontecer - e permanecer inertes. A Educação Física contemplada apenas nas leis não faz diferença para a vida dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar as minhas considerações gostaria de lembrar que o problema de investigação tratado nesse trabalho de conclusão é: “Como os saberes docentes são mobilizados no currículo do curso normal de uma escola da rede estadual do RS, quanto ao trato do componente curricular Educação Física?”.

Ao longo dos meus cinco anos de formação em Educação Física – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fui aprendendo a importância da Educação Física em cada etapa da educação básica. As experiências que tive com o ensino de Educação Física para crianças nos estágios obrigatórios do curso e no Projeto Quero-Quero<sup>3</sup> também me levaram a entender que, além da necessidade básica que o professor tem de dominar os conteúdos ensinados, ele deve valorizar e acreditar na importância do seu objeto de ensino para que a cultura corporal e as aulas sejam significativas aos alunos.

Como já descrito antes, algumas estudantes formadas no curso normal, frente a obrigação de tratarem do componente curricular Educação Física, dirigiam-se a mim para tirarem suas dúvidas quanto a conteúdos e relevância da Educação Física para a educação dos alunos. Por entender que essas informações deveriam ser dadas ao longo de sua formação no curso, o estudo tinha como objetivo compreender de que forma o componente curricular Educação Física é contemplado no currículo do curso normal e discutir a formação de normalistas para o trato deste componente nas séries iniciais do ensino fundamental.

Foi possível observar que, para apropriação dos conhecimentos de Educação Física, o currículo de formação não apresenta uma disciplina homônima. A disciplina do currículo que mais se aproxima aos conhecimentos de Educação Física é a disciplina de didática da recreação, que tem como ênfase a aprendizagem e vivência de brincadeiras. Os conteúdos propostos pelos PCN para as séries iniciais do ensino fundamental, que, na minha concepção devem ser de domínio dos professores, não

---

<sup>3</sup> Programa de ensino de esportes vinculado ao Programa Segundo Tempo do Ministério do Esporte.

são abordados no currículo de formação do curso, contrariando assim a orientação do Conselho Nacional de Educação.

Uma importante contribuição para a formação das normalistas em Educação Física é a experiência pessoal com a cultura corporal. Para as colaboradoras, a aproximação que elas tem com esporte facilita o trato do componente nas aulas. Tudo indica que o contrário também seja verdadeiro. Quando normalistas não tem aproximação com a cultura corporal, tampouco tem exemplos de boas aulas de Educação Física enquanto aluna das séries iniciais, a dificuldade com os conteúdos e a desvalorização do componente deve ser maior.

Unidocentes, em geral, não dão aulas de Educação Física. Ainda que a legislação assegure a presença da Educação Física como conteúdo acessível aos alunos, há muitos anos que a Educação Física escolar nas séries iniciais se resume ao “largobol”. Se nada for feito para mudar essa situação, é provável que por muito tempo ainda as crianças sejam privadas de todos os conhecimentos da cultura corporal.

As categorias do processo analítico “Educação Física é o mesmo que Recreação?”, “A apreciação por esporte e a influência nas aulas de Educação Física” e “Largobol” me levaram a concluir que a organização dos conteúdos curriculares do curso normal precisa ser repensada para uma maior contribuição na formação de normalistas, quanto ao trato da Educação Física. Os conteúdos deste componente curricular precisam ser contemplados no curso de maneira a abranger os componentes da cultura corporal para que estes conhecimentos sejam de domínio dos futuros professores. Os professores, por sua vez, precisam se sentir responsáveis pela cultura corporal dos alunos e, de fato, dar aulas fazendo com que a produção da Educação Física seja de apropriação e apreciação das crianças.

Por fim, penso que a Educação Física só deixará de ser contemplada apenas no projeto político e pedagógico da escola e passará, de fato, a fazer parte da vida escolar dos alunos, quando o professor responsável tiver domínio de conteúdo e compreensão da importância de sua presença nas séries iniciais do ensino fundamental. Se a presença da Educação Física é de fato relevante para a educação dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, uma nova proposta deve ser pensada e executada.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. Formação continuada como instrumento de profissionalização docente. In: VEIGA, Ilma P.A. (org.). **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, São Paulo: Papiros Editora, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/CEB. Parecer nº16/2001. Brasília, de 03 de julho de 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). **PCN de 1ª a 4ª série. Volume 01** – introdução aos PCNs. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 05 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). **PCN de 1ª a 4ª série. Volume 07** – educação física. 1997b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=263&Itemid=253>>. Acesso em 05 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes). Acesso em 21 ago. 2008.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLL, C. **Psicologia e Currículo**: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. 5ed. São Paulo: Ática, 2003.

DA SILVA, M. A. **história do currículo e currículo como construção histórico-cultural**. Minas Gerais, 2008. Disponível em <[http://titosena.fortunecity.com/Arquivos/Artigos\\_textos\\_historia/Curriculo.pdf](http://titosena.fortunecity.com/Arquivos/Artigos_textos_historia/Curriculo.pdf)> Acesso em: 08 ago. 2010

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papiros, 1995.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGA, A. B. Educação física nos primeiros anos do ensino fundamental brasileiro. **Educación Física y deporte - Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 90, novembro, 2005. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd90/ensino.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

GIL, M. S. Inovação e investigação educativa: aproximação a uma relação incerta. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA, 1999. p. 29-43.

GÜNTHER, M. C. C. **A prática pedagógica dos professores de educação física e o currículo organizado por ciclos**. Um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2006. 340f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Física, Programa de pós-graduação em ciência do movimento humano, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

HERNÁNDES, F. A formação do professorado e a investigação sobre a aprendizagem dos docentes. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA, 2004. p. 45-59.

LAVOURA, T. N; BOTURA, H. M; DARIDO, S. C. 'Educação Física Escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica'. In: **Revista da Educação Física**. Maringá, v.17, n.2, p.203-209, 2006.

MARCELO C; MAYOR C; MURILLO P. MONOGRÁFICO: Profesorado principiante e inserción profesional a la docencia. **Profesorado**, Sevilla – España, v. 1, n 1, p 3-6, 2009.

MELLO, G. N. **Formação inicial de professores para a educação básica: Uma (re)visão radical**. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9807.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2010.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, pp 9-29, 2007.

MOLINA NETO, V; BOSSLE, F; WITTIZORECKI, E. S. Formação de Professores de Educação Física. In: TERRA, D. V; SOUZA JÚNIOR; M. **Formação em Educação Física e Ciência do Esporte: Políticas e Cotidiano**. São Paulo/Goiania: Ed. Hucitec, 2010. P. 131-145.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N.

S. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA, pp. 107-139, 2004.

MOLINA, R. K; MOLINA NETO, V. Capacidade de escuta: questões para a formação docente em educação física. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 8, n. 1, 2002, pp. 57-66.

MOLINA, R. K. M; O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 1 ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS/SULINA, 1999. P. 95-105.

MORGADO, J. C. Indicadores de uma política curricular integrada. In: Pacheco, J. (Org.). **Políticas de integração curriculares**. Porto: Porto Editora, pp. 167-185, 2000.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/SULINA. p, 61-93, 2004.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal. Crítica e alternativas**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2008.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIO GRANDE DO SUL. Resolução nº 252/2000, de 2000. Fixa normas complementares, para o Sistema Estadual de Ensino, à implementação das Diretrizes Curriculares para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Secretaria da Educação. 2000. Disponível em: < <http://www.mp.rs.gov.br/infancia/legislacao/id3152.htm>>. Acesso em 25 maio 2010.

RUIZ, M. A. Pensando en la situación actual de la educación física en Brasil: Formación e investigación en la Universidad de Río Grande do Sul. Entrevista a Vicente Molina Neto. **Educación Física y deporte - Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 76, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd76/invest.htm>> Acesso em: 13 de junho de 2010.

SILVA, L. O. **Um estudo de caso com mulheres professoras sobre o processo de identificação docente em Educação Física na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. 2007. 226 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SOARES, C. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p. 6-22, 1996.

TARDIF, M; RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Canadá, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTORIM, S. Educação Física: Uma experiência na perspectiva de Paulo Freire. In: Ferreira Neto, Amarílio (Org.) **Educação Física ensino e realidade**. Vitória: UFES, 1994.

## **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado: **“O trato da educação física nas séries iniciais do ensino fundamental: Um estudo de caso sobre a formação de normalistas na rede estadual do RS”**

Dessa forma, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que possam surgir, a qualquer momento.

#### **Objetivos do Estudo:**

Compreender de que forma o componente curricular educação física é contemplado no currículo do curso normal e refletir a formação de normalistas para o trato deste componente nas séries iniciais do ensino fundamental.

#### **Procedimentos:**

Para a realização deste estudo, serão coletadas informações através de entrevista semi-estruturada e análise de documentos didático-pedagógicos do curso normal.

As entrevistas serão previamente agendadas e realizadas individualmente em local a ser definido, e terão duração de até 70 minutos. A entrevista será gravada, transcrita e devolvida ao entrevistado para confirmação das informações coletadas.

#### **Riscos e benefícios do estudo:**

Os riscos e possíveis constrangimentos serão evitados. Sua identidade será mantida em sigilo e lhe será entregue uma cópia da entrevista para validar, retirar ou modificar informações antes do texto ser usado como fonte de pesquisa.

Sua colaboração poderá contribuir com o entendimento científico da problemática relacionada ao trato da educação física nas séries iniciais do ensino fundamental.

**Confidencialidade:**

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas. As gravações de entrevistas serão transcritas, após as fitas serão apagadas e as transcrições digitadas serão protegidas em arquivos com acesso protegido com senha alfanumérica e os arquivos em papel serão guardados em arquivos especial com segurança física.

**Voluntariedade:**

A recusa do participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento.

**Novas informações:**

A qualquer momento os participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com a pesquisadora.

**Contatos e Questões:**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**  
**Escola de Educação Física – EsEF**

**Professor Vicente Molina Neto**

Rua Felizardo, n. 750, Jardim Botânico – Porto Alegre  
Fone: (51) 3308 5821

**Mariane Bierhals Schütz**

E-mail: marianebs@hotmail.com  
Fone: 9196 5852 / 3431 7342

---

Prof. Dr, Vicente Molina Neto  
(Orientador da Pesquisa)

---

Mariane Bierhals Schütz  
(Graduanda em Licenciatura em Educação Física pela UFRGS)

## Declaração de Consentimento

Eu, \_\_\_\_\_, estudante do curso normal do Instituto Estadual de Educação Princesa Isabel, tendo lido as informações acima e tendo sido esclarecido de qualquer questão referente à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

Cachoeirinha, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

Assinatura:

---

## APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA



ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

Finalidade: Concordância da escola abaixo tipificada em participar do projeto de pesquisa denominado: **O trato da educação física nas séries iniciais do ensino fundamental: Um estudo sobre a formação de normalistas na rede estadual do RS**

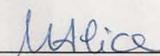
**Nome da escola:** Instituto Estadual de educação Princesa Isabel  
**Endereço:** Rua Manata, 475 – Princesa Isabel  
**CEP:** 94940190 **Cidade:** Cachoeirinha, RS **Telefone:** 34692835

Pelo presente instrumento comprometo-me a permitir o acesso do Dr. Vicente Molina Neto e sua orientanda Mariane Bierhals Schütz à dados de orientação política e pedagógica do curso normal, bem como às estudantes aqui matriculadas que forem identificadas com o perfil de interesse do presente estudo intitulado: O trato da educação física nas séries iniciais do ensino fundamental: Um estudo sobre a formação de normalistas na rede estadual do RS. O acesso será negociado, em seus detalhamentos, tais como o número de pessoas envolvidas, número de horas de entrevista, forma de retorno das informações à escola, locais e horários nos quais se dará a coleta das informações, etc. após a aprovação Comissão de Pesquisa da ESEF/UFRGS e pelo Comitê de Ética da UFRGS.

Caberá aos pesquisadores obter a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de todos os atores que compuserem o grupo pesquisado. No caso de participação de menores, deverá obter o TCLE assinado por seus representantes legais, conforme está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Porto Alegre, 10 de dezembro de 2010

Instituto Estadual de Educação Princesa Isabel  
Decreto 28801/78 - Portaria 04204/78  
Decreto de Transf. 263/2000  
Portaria de Autor. e Func. 157/00  
Cachoeirinha - RS

  
(Nome, assinatura e carimbo do Representante Legal da Escola)

Instituto Estadual de Educação Princesa Isabel  
M<sup>te</sup>. Alice Albertoni  
SSE

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Fale um pouco sobre sua motivação para entrar no curso normal.
2. Que lembranças você tem, desde o ensino fundamental, como aluna de educação física?
3. Comente a educação física como um componente curricular presente nas séries iniciais do ensino fundamental.
4. De que maneira a educação física escolar contribui para a formação do aluno? Que repercussão ela tem ou pode ter para a vida da criança?
5. Você se sente preparada para tratar dos conhecimentos/conteúdos referentes à educação física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental?
6. Fale um pouco como se desenvolveu as disciplinas de didática em educação física, presente no currículo de formação que você cursou.
7. A maneira como você se apropriou dos conhecimentos que possui sobre educação física se deu em sua maioria através de experiências pessoais, formação em magistério ou em cursos e congressos?
8. Como se dá o processo de elaboração das suas aulas de educação física? A quais recursos você recorre para esta elaboração?
9. Qual o acesso que você teve, em sua formação, a documentos oficiais de educação física e a livros que tratasse de metodologias do ensino?
10. Em seu período de formação, você se imaginava dando aulas de educação física ou achava que esta função cabia ao professor de educação física que está presente em algumas escolas?
11. Para você, quem é a pessoa mais habilitada para o trato dos conteúdos da educação física? O licenciado em educação física ou a normalista?
12. Observando as escolas, percebe-se que algumas possuem professores licenciados em educação física dando aula de educação física, e não normalistas. Comente este fato.

## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

Entrevistada: Estudante “Bárbara” (B)

Entrevistadora: Mariane Bierhals Schütz (E)

Local: Sala de informática do Instituto Estadual de Educação Princesa Isabel

Data: 16 de maio de 2011

E: Tá, quando a gente se encontrar então de novo eu te trago outra cópia pra ti assinar.

B: Ah, tá.

E: Então tu pode começar falan... começando tu falando sobre a tua motivação, dos motivos que te levaram a fazer... a entrar no curso normal.

B: Dos motivos?

E: Aham.

B: Bom, como todo mundo já conhece, não foi porque eu quis né, foi mais uma influencia da minha mãe assim, sabe? Daí ela... eu meio que fui empurrando com a barriga assim, sabe?

E: Aham.

B: Mas, fui vendo, fui gostando, né, fui ficando, como eu já gosto de criança, né, então, uniu o útil ao agradável, vamos dizer assim.

E: Então, tua mãe é professora?

B: Não, minha mãe não. Minha dinda, ela é professora.

E: Tua dinda é professora formada em magistério...

B: Formada em magistério, há 30, 40 anos atrás.

E: Então tu entrou no magistério por...

B: De gaiato, vamos dizer assim

E: É... Tá. E que lembranças que tu tem, desde o ensino fundamental tendo aulas de educação física?

B: Lembranças... Eu me lembro que a gente brincava, assim, menorzinhos, com brinquedos assim, sabe? Jogava futebol. Eu era multi-esportiva.

E: É?

B: Jogava futebol, vôlei, basquete... Tudo quanto é esporte eu fazia.

E: Desde as primeiras séries?

B: Desde as primeiras séries sempre gostei.

E: Gostava...

B: influencia também do meu pai, ele gostava bastante de futebol, adorava esporte então, tive sempre incentivo em casa.

E: E tu lembra da tua professora dando essas aulas?

B: Lembro. Mas ela não chegava a dar. Ela liberava a bola como, infelizmente os professores fazem hoje em dia, né? Largam a bola pro aluno e eles saem jogando.

E: Tá. Então eu peço que tu comente um pouco a educação física sendo um componente curricular, sendo um conteúdo presente nas séries iniciais do ensino fundamental.

B: Bom. Quando eu aplico educação física com meus alunos eu to conseguindo fazer brincadeiras. Eles sempre pedem bola pra jogar futebol. Sempre! Eu falo não. A gente vai brincar. Eles até falam: “ah, não”! Mas depois eles gostam. Não querem parar, sabe?

E: Aham.

B: Eu acho que devia ser motivado mais isso na criança. Mais a questão do brincar tanto coletivamente e individualmente que isso... Tem muitas crianças que são filhos únicos, não tem essa oportunidade, né?

E: Aham.

B: Aí na escola ele tem o momento assim de compartilhar, de se socializar também. Tem aquelas crianças que são tímidas. Se socializam, se soltam mais até.

E: Aham.

B: Eu acho que este é um momento muito importante não só no aspecto esportivo mas cognitivo, afetivo da criança.

E: Sim.

B: Trabalha muito com isso, né?

E: Aham. Tá. E tu sabe me dizer, tu imagina de que forma a educação física escolar contribui pra formação dos teus alunos e que repercussão ela tem ou pode ter na vida desta criança?

B: Como eu falei antes, trabalha... muitas crianças, eu noto lá na minha sala, que são tímidas.

E: Aham.

B: As vezes eu peço pra eles irem na frente assim falar, contar alguma historinha, coisa assim, eles ficam meio retraídos assim, né? Daí eu vejo isso na educação física é o momento deles se soltarem, né? Que como é ao ar livre, né?

E: Sim.

B: Deles também se divertirem, se mostrarem mesmo, né? ãh...

E: Se expressarem...

B: Se expressarem! Isso. Mostrar a personalidade deles também que, alguns também tem... a gente vê também muito. O que eles fazem na educação física a gente vê muito o que eles fazem em casa. Se ele brinca, se ele briga com o pai e com a mãe, o que que ele vai fazer na educação física? Vai querer dar soco, vai querer dar chute

E: Aham.

B: Não é? E aquele que é mais carinhoso, ele vai tratar os colegas com mais carinho.

E: Sim. Tu aproveita pra perceber isso. Tu acha que na educação física se expressa mais?

B: Sim. Porque eu vejo isso que eu tenho um aluno que ele é bem agressivo e eu acho que isso deve ser de casa.

E: Na educação física eles expressam melhor isso do que na sala de aula?

B: Sim. Também, né?! Tanto na educação física como na sala de aula.

E: E tu te sente preparada pra tratar dos conteúdos ou dos conhecimentos referentes à educação física nas séries iniciais?

B: Eu me sinto. Eu acho que tem bastante material, a gente tem bastante material de pesquisa pela internet é um meio e também ano passado eu tive didática da recreação que a professora também deu bastante, né, material pra gente trabalhar com as crianças que eu to usando bastante eles estão adorando, tanto em sala de aula como no pátio, que como hoje o pátio tava molhado, chove, fica molhado, cria poça, eu faço, eu não deixo de fazer, eu faço, mas dentro da sala de aula.

E: Ah, tá...

B: E eles adoram.

E: Tem programado então na tua semana...

B: Eu programo.

E: ...aula de educação física.

B: Quando eu vejo, como hoje choveu, né, ontem, tava molhado o pátio eles até queriam aí tava frio eu falei não, eu não vou deixar porque vocês vão correr vão pegar esse frio, vai ficar gripado, uso todo de uma psicologia com eles eles até que aceitam

E: Eles gostam bastante então.

B: Gostam! Eles pedem. Brincar de morto vivo, telefone sem fio, né, ãn... estátua eles adoram brinc..., música eu trabalho bastante música também com eles na educação física, também eles gostam bastante, eles adoram!

E: Qual é o ano mesmo? 3º ano?

B: 2º ano.

E: 2º ano.

B: 2º ano.

E: Que vem a ser a 3ª série...

B: Não a 2ª série

E: 2º ano, eles fizeram o 1º ano,

B: No caso é assim, ó: O pré seria o primeiro ano.

E: Ah, tá...

B: É sempre um antes.

E: Então eles estariam na 1ª série.

B: É como se fosse. Teoricamente.

E: É que eu continuo usando essa nomenclatura só pra me situar.

B: É que lá na escola, o segundo ano parece ser segunda série, o terceiro ano a terceira série, Entende?

E: Ah tá.

B: Eu não sei, porque eles chamam pré de pré, quando deveria ser primeiro ano.

E: Aham.

B: E o primeiro...

E: Ah, eles continuam chamando de pré?

B: Isso, eles falam pré. Ah, eu não trouxe aqui porque normalmente quando eles dão o "agendão" pra gente, eles põe pré, primeiro ano, segundo ano...

E: Ah, eles não mudaram então a nomenclatura.

B: Eu não sei se eles mudaram

E: Então eles vão do pré, à segunda série?

B: Não! É pré, primeiro ano, segundo ano... Eles não falam mais primeira série, é primeiro ano. Acho que eles não alteraram. Eles deviam tirar o pré. É o primeiro ano que devia ser a nomenclatura certa. É primeiro ano, segundo ano terceiro ano,

E: É... é assim que eu aprendi também.

B: Sim, mas daí eu cheguei lá e fui ver, ô, segunda série devia ser a primeira minha, né, mas não, eu vejo como um nível de segunda...

E: Tu comentou agora que tu fez didática da recreação...

B: Didática da recreação.

E: E eu vi no teu currículo também que tem uma disciplina chamada didática em educação física. Eu queria que tu comentasse então como se desenvolveu essas duas disciplinas.

B: Didática em educação física?

E: É.

B: Foi...

E: Tu não teve essa disciplina?

B: Não sei se era chamada de didática em educação física, mas era educação física que eu tinha no 2º ano.

E: Tu tem uma educação física que é normal, que todo ensino médio tem...

B: Sim, no primeiro ano e no segundo ano do segundo grau, eu tive educação física. A gente fazia, jogava vôlei, jogava futebol...

E: Sim, que é o que todo ensino médio tem.

B: Mas não voltado para o lado infantil no caso, né

E: E daí no terceiro ano já começou uma coisa mais didática.

B: No terceiro ano começou a didática da recreação que é voltado só pras crianças. Brincadeiras com jogos e tudo.

E: Didática da recreação.

B: Da recreação.

E: Essa foi a única disciplina.

B: Sim. Em educação física minha a professora ela mostrava como interagir com as crianças também, mas sempre era a gente que participava

E: Sim. Era pra vocês a aula.

B: No caso a gente se colocava no lugar dos alunos,

E: Aham... Sim, até porque o pensamento de vocês está totalmente voltado

B: Totalmente voltado pras crianças, exatamente.

E: Sim, mas daí a... Então foi só didática da recreação, é isso?

B: Didática da recreação.

E: Como é que se desenvolveu? Foi desde o início do ano até o final?

B: Não, começou a partir do terceiro ano em diante

E: Terceiro ano... terceiro e quarto ano então.

B: Terceiro e quarto ano!

E: Tá. Comenta um pouco dela.

B: É que nem te disse. A professora ela, trazia a brincadeira pra gente e já nos levava pro pátio já pra mostrar.

E: Ah, tá.

B: Sempre o prático e o teórico junto.

E: Ela ensinava brincadeiras, vocês faziam as brincadeiras...

B: Isso. Ela dava, primeiro ela explicava em sala de aula, depois a gente saía pro pátio quando o tempo tava bom, e a gente fazia brincadeira. Quando não era brincadeira no pátio, era brincadeira dentro da sala de aula, também, né, que daí ela dava em dia de chuva

E: Sim.

B: E era muito legal de trabalhar, também, era uma...

E: Sim, vocês se divertiam nessa hora.

B: É. Era o nosso momento, vamos dizer assim de... de liberação, né, de a gente... como a gente tinha muita matéria mais escrita, né, e como essa era mais, mais prática, a gente gostava bastante né.

E: Sim. E essa professora ela... não, não sei a metodologia dela, ela falava de alguma forma mais conceitual, ela, dizia dos objetivos da educação física, ou dos objetivos dessas brincadeiras que ela tava ensinando pra vocês?

B: Tinha. Todas brincadeiras tinham é... material, desenvolvimento e o objetivo também. Todas.

E: Sim.

B: A gente montou até um portfólio que tem todas as brincadeiras que ela passou pra gente, e todas vinham com objetivo.

E: O objetivo da brincadeira.

B: O objetivo da brincadeira.

E: E a maneira como tu te apropriou dos conhecimentos que tu tem hoje sobre a educação física até pra ti trabalhar com as crianças, né, se deu, na maioria através... como? De experiência tua no ensino fundamental

B: Também.

E: Formação aqui no curso...

B: Também buscando informações, né, trabalhos, até a professora no segundo ano pediu pra gente pegar as regras do vôlei, do handebol, de basquete, se não me engano, a gente sempre, pra mim...

E: Qual professora pediu?

B: Era professora Daniela.

E: De... Não, professora de... Didática...

B: De educação física.

E: Ah, de educação física do 2º ano.

B: A de didática é a professora Cristiane. A Professora Daniela até pediu pra gente pegar as regras, assim estudar, ela até dava, fazia testes com a gente. Da quadra, quanto media a quadra de vôlei, não sei o quê... quantos jogadores jogavam, essas coisas assim. Era bem legal também. No caso pra mim era mais uma revisão, né, porque isso eu já sabia.

E: Sim.

B: Eu gosto de acompanhar também bastante jogos na televisão, quando eu não pratico eu assisto.

E: Aham. Tá então foi mais estímulo da tua própria formação em magistério que tu aprendeu mais, e até por uma cultura tua que tu gostava, tu falou que teu pai era esportista, né, acho que te dá um pouco mais de interesse, né?

B: Bastante.

E: E como é o processo de elaboração das tuas aulas de educação física? Que recursos que tu tem pra elaborar? Ah, hoje eu vou dar tal atividade...

B: Eu vejo como eles tão. Eu analiso, bom... eu sempre começo com uma atividade calma, que foi passado que nossa professora ensinou, né, uma calma, uma ativa, e outra calma, que é pra acalmar a criança, né, quer dizer, uma calma não, a gente começa com uma moderada, uma ativa e uma calma. Pra levar a criança pra sala de aula já calma e não levar ela agitada, porque daí tu perde o controle da turma também, né. Sempre procuro trabalhar dessa forma.

E: Aham... E tu recorre, não sei, a livros, a esse próprio material...

B: O meu material, eu procuro bastante na internet até, ãn, no meu polígrafo esse, que eu montei tem até, a gente montou um polígrafo com a professora Daniela também de brincadeiras, procuro nele também. Material é o que não me falta.

E: Tem bastante.

B: Tem bastante!

E: E que acesso que tu teve, durante a tua formação no curso normal, a documentos oficiais de educação física e a livros de metodologia do ensino?

B: Eu tive acesso na biblioteca, onde tem livros que mostram né, mas, voltado pra criança eu não me lembro se tinha.

E: De educação física?

B: Eu acho, não era especificamente de educação física. Eram atividades dirigidas, no caso, mas não dizia que era educação física.

E: Ah, tá.

B: Mas tem, agora me lembrei, tem na biblioteca e tem de educação física só que eu acho que não dá... não sei se, se tinha pra criança de ensino fundamental. Mas eu sei que na biblioteca aqui da escola tem acesso.

E: E esses documentos oficiais... quando eu digo documentos oficiais eu me refiro assim a... de repente aos Parâmetros Curriculares

B: Ah, o PCN?

E: É, ou a diretrizes.

B: PCN tem o PCN da educação física aqui na biblioteca, eu nunca cheguei a pegar ele pra olhar, assim

E: Nem na... nem na cadeira de didática da...

B: da recreação... Não.

E: Também não tiveram acesso. Tá.

B: Acesso a gente tem só que eu não...

E: Tem mas não foram atrás.

B: Eu não... a gente não procurou muito.

E: Aham, sim. E tu... e quando tu tava estudando ainda, não tava dando aula, tu te imaginava dando aula de educação física ou tu achava que essa função era mais prum professor de educação física que... que existe em algumas escolas? Tem algumas escolas em que a professora formada em curso normal fica na sala de aula e o professor de educação física que dá as aulas de educação física.

B: Não. Eu sempre me imaginei, tanto é que nas minhas monitorias eu gostava de... até a professora ela dava brincadeiras eu ficava olhando, e eu me imaginava lá... coordenando meus aluninhos, no caso, né,

E: Aham.

B: E eles adoram assim brincadeiras de...

E: Tu já te sentia como a futura responsável pela educação física deles.

B: Sim. Porque eu sempre gostei dessa área da educação física mesmo. De tá, ou participando, não, ativamente mas também, jogando mas também, cuidando, auxiliando sempre que... sempre envolvida no caso com o esporte.

E: E... um pouco mais opinativa agora: Pra ti, quem é a pessoa mais habilitada pra tratar dos conhecimentos, dos conteúdos de educação física? O licenciado em educação física ou a professora normalista?

B: Depende. A professora ela tem mais visão do aluno da criança. Eu não sei se o licenciado ele é preparado pra trabalhar só com criança. Eu acho, não sei se tem, deve ter, pra trabalhar só com crianças, no caso de séries iniciais, porque, tem professores que trabalham mais com adolescentes, né, e não é a mesma coisa trabalhar com adolescentes e com crianças. É uma grande diferença.

E: sim.

B: É uma... é que tudo depende também, né, depende da formação.

E: Quais são os pontos positivos que uma professora normalista tem?

B: Professora, no caso eu, eu vejo mais assim a personalidade dos meus alunos eu sei a brincadeira que vai dar certo e a que não vai dar certo com eles. Entende?

E: Aham.

B: Já um professor licenciado não sei se teria a mesma visão por que não está todos os dias ali com eles.

E: E tu vê algum ponto negativo em professor normalista?

B: A formação no caso, né, em educação física, tem aquela parte do conhecer o corpo, toda aquela, né, estrutura,

E: Aham. Fisiologia, anatomia...

B: Sim. Isso. Até tu fazer algum aquecimento com eles antes, uma brincadeira de correr eles podem cair se machucar também, ter uma torção, alguma coisa assim.

E: Sim, conhecimentos...

B: E a professora muitas vezes não tem, né, esse conhecimento, já, não sei no teu caso, professora licenciada deve ter, né.

E: Aham. Ah, tá.

B: Seria este aspecto assim.

E: Aham. E a nível de conteúdos. Dos conteúdos de educação física, cultura de movimento, hum... esportes, dança, luta.

B: Hum... Hum... Em que aspectos?

E: Tu sente alguma dificuldade quanto a isso ou, tá tranquilo?

B: Música eu trabalho todos os dias com eles. Quando eu não faço eles pedem.

E: Música?

B: Música.

E: Aham.

B: É uma coisa que eles adoram. Eu faço coreografia com eles e tudo, sabe? Eles adoram isso! As brincadeiras também, as que eu faço eles gostam até eles pedem de novo. Que nem hoje eu tava dando aula eles: “prô, vamos fazer a brincadeira da estátua? Vamos fazer a brincadeira do morto vivo?”. Né, daí eu vou lá e faço. Que eu, se eu to vendo que eles gostam, né, uma coisa que eles gostam, então, eu vou lá e faço com eles.

E: Tá. E as vezes a gente observa que, por exemplo a prefeitura de Porto Alegre, tem professor licenciado em educação física trabalhando educação física desde o primeiro ano, desde a primeira série. E não o professor normalista. Tu poderia comentar comigo este fato?

B: Se eu não me engano, aqui em Cachoeirinha, também existe em escolas municipais o professor também que trabalha. Que existe só um professor de educação física e a professora, no caso, de currículo, trabalhando também não tem só de, tem de... tem professor de informática, tem professor de inglês, tem professor de educação física. Isso são informações que eu sei que são verdadeiras. Que existe. Mas lá na nossa escola, no caso tem que pedir pra vir, porque lá na nossa escola pediram professor de educação física só que ainda não chegou.

E: Ah, eles pediram?

B: É que as escolas tem que pedir no caso, né, profissional.

E: Ah, tá!

B: Se tu for... parabenizado não... for... fugiu a palavra agora...

E: Acho que eu sei a palavra que tu quer usar, peraí,

B: For... Contemplado,

E: Contemplado!

B: Contemplado! Com professor, né, tudo bem, mas no caso nós, estagiárias, nós somos informadas de que nós temos... se a turma tem dois períodos de educação física, por semana, um a gente dá, um outro profissional dá. Profissional de educação física.

E: Aham. E tu chegou a pedir esse professor?

B: É que não é a professora, é a escola como um todo que no caso pede, né,

E: Ah, tá. E a tua escola pediu?

B: A minha escola pediu faz dois, três anos atrás e até agora nada né, tem outra escola...

E: E tu queria que chegasse esse professor?

B: Olha, eu não sei porque eu gosto de dar aula pros meus alunos de educação física. Sabe, eu gosto de estar com eles...

E: Tu sabe o porquê que a escola chegou a pedir esse professor? As professoras provavelmente pediram, né, em geral...

B: Sim. De repente pra fazer um trabalho diferenciado com os alunos, né, não sei porque eu acho que lá, não sei, o que eu vejo lá as professoras, algumas elas fazem as brincadeiras e outras não.

E: Algumas não dão aula?

B: Não, não querendo criticar assim, mas, elas liberam a bola. Eu não costumo acompanhar elas, né, mas as vezes que eu vi elas, normalmente é assim que eles fazem, né

E: Só largam a bola e ficam observando...

B: É. Não sei se observando, né, ou de repente, aquele dia específico era bola livre, de repente outro dia elas deram uma aula direitinho,

E: Aham.

B: Eu não sei te dizer. Não posso afirmar nada também, né.

E: Então, assim: Não te preocupa com a tua... citar a coisa porque tua... tua identidade tá preservada. Tu vê e percebe isso de repente na maioria dos professores ou é só alguns?

B: Olha... na maioria. Motivo, de repente não sei. Deve ser, por falta de recurso eu acho que não tem porque, eu tenho pesquisado tem bastante também. Não sei ou, a turma gosta, sei lá... A professora gosta de agir daquela maneira com a turma. Ela vê que a turma gosta daquilo então ela...

E: Só retomando esta última pergunta então, tu acha que o professor de educação física... é legal ter o professor de educação física na escola, é melhor a aula,

B: Eu acho que seria, um trabalho diferenciado, né, poderia...

E: Diferenciado a nível, não sei, de descanso pro professor?

B: Não de descanso, seria uma...

E: Uma abordagem diferente

B: Seria, vamos dizer assim, uma maneira diferente da criança ver a educação física. Né, não só como jogar bola, mas um trabalho diferente mesmo, que não é só jogar bola que tem na educação física. Todo mundo vê a educação física... fala em educação física: jogar bola.

E: Os meninos jogam futebol, as meninas vão pra corda.

B: É. Isso mesmo. E eu acho que o professor de educação física teria... poderia passar uma mensagem diferente, né, da educação física. Acabar com esse tabu de educação física só bola, bola e bola. E não é só bola. Tem muitas coisas que a educação física pode fazer ainda pelo aluno.

E: e tu poderia me citar alguns conteúdos? Além de bola, futebol...

B: Tem a questão do correr, tem aquele pega-pega, tem também outro que eu brinco, faço com eles que é o três não pode, tem brincadeiras com cordas também que tu pode trabalhar a motricidade da criança, então a criança pode andar em cima da corda, ah, o pular corda também, né, tem o da bola também que a criança passa a bola por cima e por baixo pra criança ter lateralidade, direita, esquerda, cima, baixo... tem toda esta questão.

E: Todas essas valências a serem trabalhadas...

B: Todas essas valências.

E: Tá. Então eu encerro a entrevista por aqui. Agradeço muito pela tua disponibilidade,

B: Já?

E: Já. Não, deu o que? É, deu menos de meia hora.

B: É.

E: Deixa eu ver o tempo exato aqui. É. 20 minutos de entrevista.

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

Entrevistada: Estudante “Amanda” (A)

Entrevistadora: Mariane Bierhals Schütz (E)

Local: Sala de informática do Instituto Estadual de Educação Princesa Isabel

Data: 25 de maio de 2011

E: Tá tudo claro?

A: Tá.

E: Bom, então tu assina aqui pra mim. Depois desta entrevista eu vou transcrever ela, ou seja, vou passar pro papel, aí eu preciso que tu valide ela. Eu não sei se tu tem... tu acessa normalmente a internet, usa e-mail, porque isso pode ser por e-mail também.

A: Não tinha mais um nome pra minha mãe me dar...

E: Oi?

A: Minha mãe (risos)... Quatro nomes!

E: Já coloca ali o teu... A data e a assinatura.

A: Hoje é dia 15...

E: Não! Hoje é dia vinte e... que dia é hoje? Vinte e dois... Vinte e três... Vinte e cinco! E a tua assinatura ali em baixo. Conseguiu pegar o estágio no primeiro semestre então? Que podia não pegar, né?!

A: Por um ponto eu podia ter pegado no segundo.

E: É mesmo?! Ah, que bom! E tá sendo remunerado?

A: Aham!

E: Ah, que bom, o da B também tava sendo. Qual escola tu tá dando aula?

A: É que cachoeirinha, acho que todas são remuneradas porque normalmente eles dão todos alunos... a prefeitura dá todos do município, já o... Gravataí que normalmente dá em estado pra não ter que remunerar...

E: ãh... E como é que tá sendo as aulas? Tranquilo?

A: Tranquilo...

E: Muito problema? Que séria tu tá 1º ano?

A: Primeiro ano! É, problema... Eu não diria que tem problema eu acho que tem mães problemas.

E: Ah, problemas com as mães...

A: É, mãe. Tem dois inclusivos ainda...

E: Ah, é?

A: E com elas são super tranqüilo. Agora chegou uma menina nova... primeiro assim, ó: Teve uma reunião dia seis de abril, pra definir o que realmente seria dado em seguida, né, e teve a reunião de pais. Só que nessa reunião de pais, acho que foi uma mãe só pra me bombardear...

E: Bah!

A: E eu falava: Tá, não vou falar tá... tá... Aí teve uma hora que eu me estressei e tive que falar...

E: Poxa vida...

A: Ela disse ah, porque a minha filha sabe tudo. Eu disse: então não precisava trazer ela pra escola. Ah, porque era escolinha particular então ela sabe o nome, sabe letra, sabe escrever o meu nome, o nome do pai, sabe tudo. Eu disse tá, e se eu perguntar as letras uma por uma ela vai saber? Porque ela sabe o código, que é o nome dela. E ela identifica isso. E ela identifica as letras? Daí ela ficou quieta.

E: Essa é a da inclusiva?

A: Não. Essa é a... uma mãe xarope!

E: Aham. E quanto as meninas de inclusão? Algum problema?

A: Nenhum.

E: Quais são os... qual é a deficiência?

A: Olha, tem um que ele teve um... um retardo mental que ele tem a... ele é o mais velho da turma. Ele tem sete anos e ele tem a idade mental de dois anos.

E: Hum... é só problema mental então. E a outra?

A: E a outra é físico. Ela tem problema nas mãos e nos pés. E agora tá pra ser transferida.

E: E não é mental?

A: Não. Mas é inclusiva. Daí tem outro que é hiper ativa, que não tem o laudo mas tá sendo encaminhado pra ver realmente se é...

E: Aham. E qual é a dificuldade que tu encontra com essa de inclusão por problemas físicos

A: Ela é realmente só na hora da psico-motricidade. É escrever... chega na hora de pular corda ela já fica meio desanimada porque ela não consegue, ela tem o pesinho... chega na hora de andar com os pesinhos de madeira ela já não consegue também.

E: Ela não... ela não usa cadeira de rodas?

A: Não. Tem que tá alguém ali ajudando ela.

E: Nas aulas de educação física?

A: Nas aulas de educação física. Senão na fila ela tem que andar ou bem na frente ou bem atrás, me disseram né, a direção. Só que quando estão os dois de inclusão na área, é os dois de inclusão que vão bem na frente. Porque daí depois não dá reclamação tipo, ah, eles estavam no meio da fila e aí, a fila ficou pra trás porque o fulano estava lá. Ou deixar por último e daí eles vão ficar pra trás e o resto da turma vai ser... Então eu boto bem na frente e lá ficam os dois na frente.

E: Tá então eu peço que tu fale um pouco sobre os motivos que te levaram a escolher o curso normal, a entrar pro magistério.

A: ãh, eu, quando saí do ensino fundamental ia...

E: Fala um pouquinho mais alto

A: Eu ia direto pro... eu ia atravessar a rua. Que é o, no caso o Zanqueta fica dum lado da rua, que é o município, do outro lado é o estado, o Nossa Senhora de Fátima. Eu ia pro Nossa Senhora de Fátima porque minha mãe queria. Não era porque eu queria. Só que eu queria fazer educação física, daí...

E: Isso era ensino fundamental, o Nossa Senhora de Fátima? Ou era magistério?

A: O Nossa Senhora de Fátima é só Ensino Médio. Daí eu... no Zanqueta eles tem um sistema assim que durante o ano todo na oitava série eles estudam e tentam fazer com que a gente arrume um rumo antes de sair do ensino fundamental pra ir pro Ensino Médio. Eles sempre querem que a gente vá pra uma escola técnica e não, só atravessa a rua que era o que minha mãe queria. Daí eu disse ah, eu quero fazer educação física. Daí a professora disse ah, então tu faz magistério antes, estuda as didáticas, e isso vai te ajudar depois na faculdade. Daí foi o que eu fiz, eu entrei no magistério por orientação pra estudar as didáticas pra isso me ajudar depois.

E: Então foi uma orientação da tua professora. Não necessariamente uma coisa tua, sempre quis fazer magistério.

A: Não (risos)

E: Não? Não tá gostando muito da prática?

A: Ah, é que eu acho... é que assim ó, eu sou acostumada com crianças maiores. Eu trabalhava com o “mais educação”, era só de quinta a oitava. Eu não tinha contato com pequeno. Nem nas minhas monitorias eu priorizei...

E: E com o que tu trabalhava no “mais educação”?

A: Eu... era oficina de xadrez e auxiliar de violão.

E: Então nesta tua prática as aulas de educação física estão sendo mais legais?

A: É! (risos)

E: É? Um pouquinho mais?

A: Até porque eu sou, é... eu não consigo ficar parada. Então a... tanto que a minha turma não é calminha. E a escola toda sabe disso. Eles são agitados, porque, tipo a titular pegou e falou assim no primeiro dia de aula: "A gente vai ter uma regrinha de que quando a professora estiver sentada, eles podem conversar, quando a professora estiver de pé, vocês fiquem quietos". Esse é o modo dela trabalhar. Não é o meu. Aí o que que ela fez. No primeiro dia enquanto ela ficou sentada, eles estavam conversando, daí enquanto ela ficou de pé eles estavam quietos. Daí depois, no segundo dia em diante eu fiquei sozinha na sala, só que eu não consigo ficar sentada. Eu fico o tempo todo andando, mudando as classes de lugar, arrumando as cadeiras, botando mochila atrás das cadeiras... o tempo todo assim, eles... acho que eles são agitados um pouco por causa de mim.

E: Tá, e me diz uma coisa: Quando tu fez a educação física, desde a primeira, até a oitava série, quais são as tuas lembranças como aluna?

A: Lembranças... Em que sentido?

E: O que que tu te lembra das aulas? O que que tu fazia, se tu gostava...

A: Olha, até a quarta série eu não gostava.

E: Não gostava?

A: Não, porque era o "largobol". Então era educação física...

E: Aham. A professora não... não orientava atividade?

A: Não. A gente só ia pro pátio, ela largava a bola e a gente jogava.

E: E tu jogava também?

A: É. E já da quinta em diante era o professor Vals, daí a gente corria em volta da quadra, fazia polichinelo... um monte de coisa, daí depois jogava handebol e vôlei, e depois já quando a Cristina ela puxava a gente mais pro futebol... Eu lembro só da quinta em diante. Daí é jogar, jogar, jogar...

E: Jogar, jogar?

A: (risos) e fazer exercício. Agora até a quarta não gostava.

E: Não? Mas depois daí tu começou a gostar um pouco mais?

A: Aham.

E: Tá. E tu sabe que a educação física é um componente curricular nas séries iniciais. Tanto que tu é professora, tu dá aula, tu sabe disso. Eu peço que tu comente então, o fato dela estar presente.

A: Educação física... eu não entendi a pergunta.

E: É que a educação física, foi decidido por alguém que ela vai fazer parte do conteúdo de primeira a quarta série. O que que tu acha disso?

A: O que que eu acho?

E: Assim como o português é, assim como... a matemática é... tu acha importante?

A: Ah sim, bah... tanto pro... pra trabalhar corpo...

E: Fala um pouquinho mais alto pra pegar a tua voz ali!

A: Tanto pra trabalhar corpo, o psicomotor, ãh, trabalhar em grupo, porque acho que não é só dentro da sala que tu vai trabalhar... o livro, isso vai ajudar! Aí tu trabalha pra vida também depois. A tu ser competitivo... é o meu ponto de vista, né?!

E: Tu acha que é importante também ela tá ali por estes motivos também...

A: (risos)

E: E até tu já comentou agora pouco, mas de que forma tu acha que a educação física escolar contribui pra formação do aluno. Que repercussão ela tem ou pode ter na vida da criança?

A: Como é que é mesmo?

E: ãh... De que maneira a educação física escolar contribui pra formação do aluno? Que repercussão ela tem ou pode ter pra vida da criança? De que forma isso... Uma criança tem educação física e, de repente outra não tem. Tu acha que a que tem... é bom pra ela? Muda alguma coisa na vida dela aquela educação física escolar ou não muda?

A: Olha, pra mim mudou, agora, pra uma criança eu já não sei...

E: Talvez é indiferente?

A: Pra quem gosta... Eu acho que pra quem gosta sim, agora pra quem não gosta... que nem, os meus professores, eu tinha uma professora na terceira série que dizia: "Quem fazia esporte não pensava".

E: Tua professora dizia isso?

A: Sim... Quem faz esporte não pensa... não sei. Então eu não penso (risos). Que eu só penso em esporte o dia todo. Por mim eu jogava bola o dia todo fazia esporte o dia todo...

E: Aham...

A: Pra mim eu acho que contribui.

E: Pra ti contribuiu, mas pra outras pessoas pode não contribuir?

A: É... é que depende também da criação, né, eu acho... que a minha mãe também sempre incentivou a gente no esporte. Agora, depois que essa professora falou isso, eu tive muitas colegas que até hoje eu encontro elas elas não gostam do esporte.

E: Então a educação física não contribuiu em nada pra vida delas?

A: Pra elas não.

E: Não? Talvez por alguma questão de metodologia da professora?

A: É porque quando tu tá na escola até a quarta série tu vai muito pela professora. Tu não tem muita opinião. Tu é o reflexo da tua professora. Depois da quinta em diante que tu vai aprender a pensar.

E: Então se ela não gostou de esporte tu acha que é por causa da professora?

A: Eu acho! Até hoje eu não gosto de português por causa da minha professora.

E: É? Tá. E tu te sente preparada pra tratar dos conhecimentos, dos conteúdos de educação física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental?

A: Eu acho que preparado, preparado ninguém tá, porque, ãh, porque, educação física em si não se diz educação física, é recreação. Ah, tu vai lá, brinca de rodinha, canta uma musiquinha, e aí é recreação.

E: Pra isso tu te sente preparada?

A: Eu acho que não. Eu acho que eu sou mais pro lado desportivo que mais pra esse lado de recreação. Pra mim tá sendo bastante difícil dar este lado de recreação. E era o lado que eu não trabalhava. E o lado esportivo sim.

E: Então, educação física de primeira a quarta então é mais recreação, rodinha, brincadeira... ãh, tu cursou uma disciplina chamada aqui de didática da recreação, é isso?

A: Da recreação!

E: É. Então fala pra mim como foi essa disciplina. Como é que se desenvolveu, o que que vocês fizeram, o que que tu aprendeu da professora...

A: Nesta disciplina a gente aprendeu bastante joguinhos assim, em grupo, era só rodinha, daí tinha, boliche, futebol com lenço, que acho que foi mais por fim do ano que era os grandes jogos, tinha rodinha do bambolê... essas coisas assim. Coisas bem... bem simples assim.

E: Tá. A professora vinha, ensinava brincadeiras e... e vocês faziam as brincadeiras... Era essa... por dois anos vocês fizeram isso?

A: Isso!

E: Vocês não chegaram a estudar livros, nada?

A: A gente chegou a estudar acho que só umas três páginas do PCN da educação física do ensino fundamental

E: Vocês estudaram o PCN então?

A: Só umas três páginas só. Bem ali no início tinha um pneu, pneu, menino brincando com pneu... Depois disso a gente não chegou a estudar mais especificamente.

E: Tá, então o teu estudo de PCN se deu nessa cadeira? De educação física. E depois disso, dessas três páginas, tu não teve mais acesso?

A: É... a papel assim não. É que a nossa aula era mais prática. Se não era copiando como se fazia o jogo, objetivos essas coisas assim.

E: E a maneira como tu te apropriou dos conhecimentos que tu tem sobre educação física hoje se deu através de experiências pessoais, se deu através da tua formação em magistério, com essa cadeira, né, de didática, ou em alguns cursos que tu fez?

A: Olha...

E: O que tu sabe de educação física hoje e aplica com as tuas crianças.

A: Foi mais por experiências pessoais. Porque eu sempre representei a escola do segundo... da segunda série até... Do Zanqueta, desde os meus oito anos até os meus dezessete aqui nos jogos escolares, jogos estaduais, fora também... e um pouquinho, uns vinte por cento eu diria eu aprendi com palestra de formação pela SMED.

E: Em educação física?

A: É, sobre educação física. Eu fui acho que em umas quatro, cinco palestras.

E: Então esta tua experiência como atleta escolar foi o que te deu uma base pra... a formação aqui no princesa te contribuiu de que forma assim?

A: Olha, não contribuiu muito.

E: Não?

A: Não. Infelizmente não.

E: Quando tu... tu dá aula de educação física pros teus alunos, né?

A: Não. Dou aula de recreação (risos).

E: De recreação? Tu programa assim, toda semana tem um dia específico pra isso ou não?

A: Sim, toda semana. Toda terça feira, das nove as dez tem recreação.

E: Tem recreação. E como tu elabora as tuas aulas? Que recursos tu tem pra elaborar? Quando tu tá em casa pensando ah, vou dar tal atividade, vou ensinar isso pra eles. Isso eles vão aprender.

A: É que primeiro a gente tem que pensar no projeto que a gente tá dando no mês, pra poder englobar a brincadeira. Seu to, por exemplo, se eu to trabalhando valores, to trabalhando amizade, eu tenho que fazer uma brincadeira em grupo. Se eu to trabalhando meio ambiente eu posso usar o pé de lata porque eu to usando um recurso reciclável. É sempre assim a gente tem que tá pensando no projeto do mês pra... pra não fugir.

E: Aí tu vai atrás de livros, internet... ou vem da tua cabeça mesmo?

A: Não, eu olho meus polígrafos, as vezes eu penso da minha cabeça mesmo...

E: Tu até já comentou um pouco sobre isso, mas que acesso tu teve, aqui na tua formação no princesa, a documentos oficiais de educação física e livros de metodologia do ensino? Aos parâmetros, às diretrizes... Qual foi o acesso que tu teve? Relativo à educação física?

A: Relativo à educação física de livros assim?

E: Aham.

A: Eu pego em casa porque eu tenho o PCN de educação física em casa.

E: Ah, tu tem? E tu lê ele?

A: Eu leio. Em casa

E: Então foi em casa... Como é que tu tem ele? Em PDF?

A: Não eu tenho o livro mesmo.

E: De onde é que tu tem ele?

A: A minha irmã ganhou. A escola tava reciclando uns livros e eles pegaram e jogaram uma caixa de PCN fora. Daí a Vanessa pegou só os de Educação Física. Se fosse pegar toda a caixa... Só o de educação física.

E: Aqui na escola não teve tanto?

A: Não. A não ser a época que a gente tava pra fazer micro estágio. A gente foi obrigado a pegar os PCNs, Ler os PCNs

E: De todas as disciplinas?

A: De todas as Disciplinas.

E: E que... Em qual disciplina isso foi recomendado?

A: Qual disciplina?

E: Aham.

A: É... dáí eu não lembro se foi didáticas das ciências ou se foi didática da... Acho que foi didática geral. E tinha que montar o projeto e tu tinha que colocar os objetivos de todas as disciplinas.

E: Aí tu foi no PCN pra descobrir isso?

A: Aham.

E: ãh... durante o teu período de formação tu te imaginava dando as aulas de educação física ou tu achava que esta era uma função mais pro professor licenciado em educação física? Que tem em algumas escolas? Em algumas escolas é a professora normalista que dá as aulas em sala de aula e o professor de educação física que dá a educação física no pátio. Como tu te imaginava? Dando aula de educação física ou liberando as crianças pro profe?

A: É que daí depende da escola, né?

E: Mas tu te imaginava como?

A: Eu imaginava eu dando aula de educação física, agora se tu chega na escola e a diretora diz assim: “Quem vai dar aula de educação física é o professor de educação física”, eu não posso bater o pé e dizer assim “não, ele não vai dar”... Daí tu tem que liberar, né?!

E: Mas tu já te preparava pra ter que dar aula de educação física.

A: Sim.

E: E se a professora te dissesse isso o que tu ia achar? Tu ia achar bom ou ia achar ruim?

A: O que?

E: Ah, é o professor de educação física que vai dar aula.

A: Ah eu ia achar ruim, né (risos)

E: Ia achar ruim?

A: Não ia achar nada bom.

E: Tu gosta de dar aula de educação física?

A: Ah, eu gosto.

E: E pra ti quem é a pessoa mais habilitada pro trato dos conteúdos da educação física? O professor licenciado em educação física ou a normalista?

A: Acho que o licenciado, né?

E: O licenciado?

A: Agora eu fiquei pensando...

E: Tá. Pode pensar. Pra ti quem é a pessoa mais habilitada pra tratar dos conteúdos da educação física. O licenciado em educação física ou a normalista? Pode pensar. Não precisa...

A: É... o licenciado! Porque a normalista ela não tem preparação pra educação física.

E: Não tem formação pra isso?

A: Não tem. Raramente tu encontra uma professora de magistério que tem alguma relação com esporte. Porque o que tu vê é o que eu vejo, né, o "largobol".

E: É uma prática comum?

A: Dificilmente tu chega numa escola e tu vê uma professora normalista que tá dando educação física ou tá dando educação física ou tá dando recreação. Tanto que, eu não sei em Gravataí, Porto Alegre essas outras cidades, mas pelo menos em Cachoeirinha Tu não vê crianças... é raramente uma escola que vai pros jogos escolares até quarta série. Normalmente é de quinta pra cima que participa. Daí acho que já vem daí já.

E: Então tu acha que o licenciado é mais preparado por causa da formação?

A: Isto.

E: A normalista não é bem formada...

A: Não. E nem procura se formar também.

E: Nem procura se formar?

A: Nem procura. Porque na própria escola, no próprio Zanqueta, de dois em dois meses a prefeitura dá cursos pra... pra... de formação em tudo que é área. É sobre dengue, é sobre recreação, sobre DSTs, tudo e raramente tu... Tu pode ver dez indo no da dengue, pode ver quatro indo em DSTs, mas tu não vê ninguém indo na recreação. E pra escola não perder pontos, alguma coisa assim, ela manda um, essa uma vai lá, marca presença e fica uma hora, uma hora e pouquinho e depois vai embora.

E: Tu acabou de dizer que as professoras raramente dão aulas de educação física. Elas dão o "largobol". Isso é uma prática comum?

A: Comum. Bem comum!

E: Quem é que dá aula de educação física das normalistas? Por acaso são estagiários só?

A: (risos) Olha, não sei. Eu dou, né. As meninas da... que estão pra se formar também são... se não gostam, também tão sendo obrigadas a dar. Se não vão

acabar perdendo pontos depois, se não cumprirem aquilo que está escrito no papel. O que vale é o papel, não vale a tua prática. E se tu não praticou aquilo, depois a escola te detona.

E: Ah, tá. E se a gente observar algumas escolas, a gente vê que algumas, como a gente já comentou, tem o professor licenciado em educação física que é o responsável pelas aulas das crianças, né, e não a professora normalista. Eu queria que tu comentasse então esse fato. O que que tu acha disso?

A: O fato de ter um professor licenciado?

E: Aham. E não a normalista.

A: Olha, eu acho que seria o correto... ter o licenciado que a normalista, mas eu acho que teria que ser intercalado entre o licenciado ter que dar aula e a normalista também. Se não a normalista não vai agendar ah, vou trabalhar tal coisa em recreação. Ela vai sempre deixar pro licenciado fazer.

E: Mas é responsabilidade dele. Quanto a isso não...

A: Que nem no zanqueta. No zanqueta a gente já, tinha lá a licenciada pra dar a educação física. Acho que eu tava na sexta série quando a professora começou a dar educação física pras séries iniciais. E com os da sétima e oitava série ela marcava assim, ó: “ Vocês esse ano vão fazer quarenta horas de monitoria dando educação física nas séries iniciais. Daí tinha que planejar, a gente não tinha que colocar objetivos este tipo de coisa. Mas tinha que planejar uma aula, e dar aula num grupo de trio ou quarteto e ia dar aula pras séries iniciais e cumprir aquelas horas. Isso já era uma prática também. E já pra ver se tinha alguém que tava querendo ir pro rumo da... de lecionar alguma coisa assim.

E: Voltando a essa última pergunta então. Porque que tu acha que tem o professor de educação física. Porque que alguém decidiu: “Ah, acho melhor ter um professor de educação física do que a normalista”.

A: Olha, não sei...

E: Não sabe me dizer?

A: Não sei. Tu sabe me dizer?

E: Não... talvez eu saiba, mas, eu quero que tu me diga (risos)...

A: Olha, não sei dizer.

E: Tá. E tu sabe me dizer os pontos positivos que tem uma professora normalista, sendo ela professora de educação física? No que que ela pode ser melhor que o professor de educação física?

A: Sabe que eu não sei também. Eu nunca parei pra pensar.

E: Nunca parou pra pensar? E tu sabe me dizer os pontos positivos do professor de educação física?

A: Pontos positivos? Eu também nunca tinha parado pra pensar... ai, eu não sei.

E: Tem tempo pra pensar. Se ele tá lá e por algum motivo.

A: Dar educação física.

E: Dar aula de educação física. Mas a professora normalista não é formada pra isso?

A: Não.

E: Não?

A: Não.

E: Não é bem formada então, porque no currículo tem.

A: Tem mas não é bem formada.

E: Hum... talvez seja por isso então?

A: É porque não é... eu vejo nesse ponto de vista né, a recreação em si, nas séries iniciais ela entra mais como uma forma das crianças trabalharem em grupo e se aproximarem da aula. Eu não vejo assim a recreação sendo valorizada tanto assim como português, matemática. Claro que tudo englobado é importante. Mas eu não vejo as normalistas valorizarem também. Porque através da educação física pode se fazer um jogo trabalhando matemática, um jogo de português, pode se fazer um jogo competitivo trabalhando geografia. Mas elas não... eu creio que não é tão valorizada.

E: Tá. Então tá eu acabei todas as minhas perguntas aqui, queria agradecer então tua participação, tua disponibilidade pra fazer a entrevista... Deixa eu ver quanto tempo deu... vinte e nove minutos.

**APENDICE F – LISTA DE UNIDADES DE SIGNIFICADO**

- 1) Opção pelo curso normal
- 2) Educação Física
- 3) Recreação
- 4) Formação em/para Educação Física
- 5) Conteúdos de educação física
- 6) A importância da educação física
- 7) Objetivos da educação física
- 8) Concepções de Educação Física
- 9) Lembranças como alunas de educação física
- 10) Afinidade com os esportes
- 11) Atleta escolar
- 12) Psicomotricidade
- 13) Esporte
- 14) Largobol
- 15) Sentimento de preparo (ou não) para tratar educação física
- 16) Disciplina de didática da recreação (Momento de libertação/aprender brincadeiras)
- 17) Recursos para elaboração das aulas de Educação Física.
- 18) PCN
- 19) Gosto de dar aula de Educação Física e de estar junto aos alunos
- 20) Professor de Educação Física X Normalista
- 21) Experiências anteriores com o ensino
- 22) A importância da professora para a qualidade das aulas.
- 23) A educação física no período de estágio
- 24) Busca por formação em Educação Física extra curso normal
- 25) O futebol e a educação física
- 26) A Educação Física frente a Matemática e o Português
- 27) Suporte bibliográfico no curso
- 28) Incentivo à busca por conhecimento
- 29) Formação do licenciado em educação física
- 30) Professor normalista não dá aula de educação física
- 31) Formação baseada em experiências pessoais